



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MILENA ZILDA GÓES

**O CUIDAR E O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

FLORIANÓPOLIS
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MILENA ZILDA GÓES

**O CUIDAR E O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

Monografia apresentada para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia no Curso de Graduação em Pedagogia, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Alexandre Toaldo Bello

FLORIANÓPOLIS

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Góes, Milena Zilda
O cuidar e o educar na Educação Infantil :
aproximações teóricas / Milena Zilda Góes ;
orientador, Alexandre Toaldo Bello, 2017.
79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Docência. 3. Educação Infantil.
Cuidar. Educar.. 4. Cuidar. 5. Educar. I. Bello,
Alexandre Toaldo. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

MILENA ZILDA GÓES

**O CUIDAR E O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi jugado adequado para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof.^a Dr.^a Patrícia de Moraes Lima

Coordenadora do Curso de Graduação em Pedagogia

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello

Departamento de Metodologia de Ensino, UFSC (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Angélica Pereira

Departamento de Estudos Especializados, UFSC (membro titular)

Prof.^a Dr.^a Patrícia de Moraes Lima

Departamento de Metodologia de Ensino, UFSC (membro titular)

Prof.^a Dr.^a Joana Célia dos Passos

Departamento de Estudos Especializados, UFSC (membro suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me conceder esta oportunidade, pois sem ele nada disto estaria acontecendo em minha vida.

À minha mãe, Zilda Santos, que sempre, desde que eu era bem pequena, me criou e me educou com todas as dificuldades de sua vida, nunca desistiu de mim. Incentivou-me, encorajou-me e aconselhou-me, de modo que eu continuasse esta jornada árdua, intensa e dolorida muitas vezes, mas que valeu a pena no final.

Ao meu pai, Valdenir Góes, que mesmo de longe sei que torce pelo meu sucesso. Às minhas avós Senhorinha e Ana Julia, que não estão mais aqui neste plano, mas que me educaram, me cuidaram e me amaram; e, afinal de contas, graças a elas eu me tornei o que sou hoje.

Às minhas irmãs Michele e Suély, que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Ao meu esposo, Dario, que em muitos momentos soube entender minha ausência, teve paciência e me apoiou me dando forças nesta jornada.

Aos amigos que muitas vezes até me cobravam a presença: eles também contribuíram neste caminho.

Aos meus queridos professores que contribuíram para a minha formação, muitas vezes bem rigorosos, cobrando muito de nós, alunos. Mas isso é importante e faz parte da nossa formação. Eles me ensinaram a ser responsável, curiosa, investigadora, pesquisadora, crítica, ética, enfim, me fizeram crescer como ser humano e como pessoa melhor, a saber me impor, dentre muitas outras coisas. Agradeço a todos eles de coração.

Aos colegas de sala que foram as pessoas com as quais mais convivi nestes últimos quatro anos, vocês foram de fundamental importância, pois, ao me inserir em um ambiente novo, as dificuldades foram muitas. O medo do desconhecido, da primeira experiência em nível superior. Nada disso impossibilitou que eu construísse alguns laços de amizade. Alguns que começaram lá no início do curso e que foram importantes para mim e, por isso, guardo até hoje em meu coração, em especial a colega Márcia Terezinha, que, não sei por que razão, se afastou, diminuindo o contato: coisas do curso da vida. De qualquer modo, isso contribuiu para que eu fizesse novos laços de amizade que de forma nenhuma foram menos importantes, ao contrário me fortaleceram ainda mais. Dentre essas amizades, quero falar de

uma pessoa que me ensinou, me encorajou, me deu forças e apoio, me ofereceu oportunidades, me valorizou. Ela que foi minha parceira de Estágio e que é minha parceira da vida: Micheli Dias da Luz. Obrigada pelos ensinamentos e por sua amizade, serei sempre grata.

À professora Kátia Agostinho, que foi minha professora no Estágio da Educação Infantil e ainda me deu muitas aulas na disciplina de Organização dos Processos Educativos. Com ela aprendi a respeitar as crianças como sujeitos de direitos que são, aprendi a ser uma profissional e ser uma professora da Educação Infantil. Agradeço por ter me auxiliado a pensar e definir meu tema de trabalho, assim como por todas as referências bibliográficas que me indicou, fazendo assim com que este trabalho se tornasse uma realidade.

E, por fim, ao meu professor orientador, Alexandre Bello, que teve toda a paciência do mundo e me ajudou a realizar este trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo analisar como os conceitos de cuidar e educar aparecem em alguns artigos e produções bibliográficas relativos à prática pedagógica em Educação Infantil e como essas concepções influenciam as práticas pedagógicas nessa área. Por se caracterizar como uma pesquisa de revisão bibliográfica e documental, foram selecionados alguns artigos na base de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) direcionados ao grupo GT07, que é um dos grupos que compõem a ANPEd Nacional e tratam da educação de crianças de zero a seis anos. Os artigos pesquisados foram publicados entre os anos 2000 e 2015. Portanto, buscou-se na análise desses artigos compreender quais as concepções e as bases do cuidar e educar dos professores e como essas dimensões da pedagogia afetam diretamente a docência na Educação Infantil. A pesquisa evidencia que o papel na prática docente com os bebês deve acontecer de forma a articular as dimensões que compreendem a especificidade da Educação Infantil: o cuidar e o educar como indissociáveis. Tal estudo aponta a necessidade de se pensar em possibilidades educativas para os espaços ocupados e em propostas desenvolvidas que envolvam o cuidar e o educar, de forma a completar suas especificidades e os indicativos oferecidos pelos bebês para o que necessitam e desejam ter nas instituições infantis, espaços em que vivem e aprendem sobre o mundo e as coisas. Como resultado, percebeu-se que existe uma gama variada de concepções acerca dos conceitos de cuidar e educar no contexto da Educação Infantil.

Palavras-chave: Docência. Educação Infantil. Cuidar. Educar.

ABSTRACT

The present research had as objective to analyze how the concepts of caring and educating appear in some articles and bibliographical productions available in relation to the pedagogical practice in children's education and how these conceptions influence the pedagogical practices in this area. Characterizing as a bibliographical and documentary review research of some articles collected and selected in the database of the National Association of Postgraduate and Research in Education (ANPEd) directed to the group GT07 that is one of the groups that compose the ANPEd National, articles that comprise the years 2000 to 2015. Therefore, we sought to analyze these articles, understand the conceptions and bases of care and education of teachers and how these dimensions directly affect teaching in children's education. The research shows that the role in the teaching practice with infants should happen in order to articulate the dimensions that comprise the specificity of Early Childhood Education: caring and educating as inseparable. This study points out the need to think about educational possibilities for occupied spaces and on developed proposals that involve caring and educating in order to complete their specificities and the indicatives offered by the babies to what they need and wish to have in children's institutions, spaces in which they live and learn about the world and things. As a result, the consideration that there is a varied range of conceptions about the concepts of caring and educating within Early Childhood Education, which will make the teaching act in this area, diverse according to the chosen conceptual point of view.

Keywords: Teaching. Child education. Caring. Educating.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	14
3	O CONCEITO DE CUIDAR E EDUCAR.....	17
4	O CUIDAR E EDUCAR: A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL	20
5	OS CONCEITOS DE CUIDAR E EDUCAR: FERRAMENTAS QUE SE TECEM NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICE – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DA ANPEd NACIONAL DO GT07 SOBRE O CUIDAR E EDUCAR NO PERÍODO DE 2000 A 2015	48

1 INTRODUÇÃO

Eu sempre gostei de estudar. Cumpri minha trajetória escolar toda em escola pública no bairro onde moro, Barra da Lagoa, na cidade de Florianópolis, em Santa de Catarina, tendo concluído meu ensino médio no ano de 1995. Recordo-me de que durante o ensino fundamental tive muitas dificuldades de aprendizagem nas disciplinas de Português, Matemática e Geografia. Não conseguia entender as explicações dos professores e, conseqüentemente, não resolvia os problemas solicitados. Já no ensino médio, esse quadro mudou. Lembro que tive alguns professores que foram muito inspiradores para mim. Um fato muito marcante do qual me recordo com clareza era o sinal do recreio batendo e eu na sala de aula tentando resolver os problemas de Matemática e as questões de Geografia; marcante pelo fato de os professores darem atenção e nos ajudarem a esclarecer nossas dúvidas. Eles ensinavam de um jeito diferente, eu sentia prazer em aprender. Os professores eram nossos amigos e se preocupavam conosco, se estávamos entendendo ou não a disciplina.

Sempre fui incentivada e, ao mesmo tempo, cobrada por minha mãe a cumprir as tarefas e as exigências da escola. Afinal de contas, minha mãe tem apenas o quarto ano do ensino fundamental; portanto, o sonho dela é de me ver com um diploma do ensino superior na mão.

Minha mãe não deixava que eu e minhas duas irmãs trabalhássemos e sempre dizia: “Vai estudar, é a melhor coisa que você pode fazer para a sua vida”. Porém, as coisas não acontecem sempre como planejamos ou queremos, comigo não foi diferente. Concluído o ensino médio, fui trabalhar. As circunstâncias e as dificuldades de minha vida fizeram com que eu começasse a trabalhar, deixando, então, meus planos de estudos para depois. O tempo passou e percebi que estava cansada de trabalhar e ser explorada. Por conseguinte, com o incentivo de minha irmã Suély, que neste momento estava fazendo um curso de Magistério no Instituto Estadual de Educação (IEE) de Florianópolis, resolvi fazer esse mesmo curso, no qual me formei no ano de 2012. No mesmo ano, prestei o vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para Pedagogia.

A minha experiência na área da Educação Infantil iniciou no ano de 2013, quando ingressei no curso de Pedagogia na UFSC. Comecei a trabalhar em uma escola privada com crianças na faixa etária de quatro meses a um ano e quatro

meses. As relações de cuidado sempre me chamaram a atenção na Educação Infantil. Eu, como professora, percebia que, por muitas vezes, essas práticas aconteciam de forma mecânica, alienada, estanque, afastada em relação às práticas educativas, como se os cuidados não fossem também práticas educativas, visto que, quando estamos cuidando, também estamos educando.

Devemos entender que as crianças são sujeitos de direitos e têm suas especificidades, culturas, conhecimentos e experiências; portanto, devem ser respeitadas em seu desenvolvimento. No art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) estão definidas as finalidades da Educação Infantil:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996).

Nesses quatro anos trabalhando na Educação Infantil sempre tenho procurado levar na minha prática a importância dessa relação entre cuidar e educar, pois considero e entendo que uma complementa a outra e acontecem ao mesmo tempo.

Escolhi trabalhar com esse tema com a intenção de contribuir para pensarmos em um plano de educação de direitos em que a criança viva seu direito de provisão, proteção, mas também, e principalmente, de participação, com vistas à educadora considerar as demandas oriundas das crianças no dia a dia escolar.

Não podemos perder de vista esses direitos. Devemos propor às crianças algo que as instiguem, que seja convidativo, que cause curiosidade, espanto. Geralmente, os materiais, os espaços e os tempos estão voltados exclusivamente para as propostas que a professora oferece, esquecendo-se de que a criança deve ser o centro do planejamento.

Ela deve realizar suas escolhas, e não o contrário, ou seja, ser coagida a realizar propostas feitas exclusivamente por adultos. As crianças devem participar da elaboração dessas propostas através de suas ações, gestos corporais, interesses, falas, negações e afirmações sobre os espaços e o que lhes é ofertado, do que já conseguem realizar ou não. E esse trabalho de observação deve ser realizado pela professora, pois as crianças, a todo momento, dizem o que precisam e somente com esse olhar é que as propostas se tornarão significativas. Essa ação

tem que levar em conta as características e as especificidades de cada faixa etária, bem como as especificidades de cada criança, porque o tempo e o espaço se tornam quase como molduras de nosso fazer pedagógico. Sendo assim, temos que saber como contorná-los, tendo o cuidado de respeitar o tempo das crianças através de uma prática atenta.

Pensar um plano de educação de direitos é desconstruir nosso olhar adultocêntrico, que só nos permite propor atividades a partir de nosso ponto de vista. Nesse sentido, é importante entender que as crianças possuem uma cultura com especificidades à qual elas pertencem. Porém, isso não significa dizer que esta cultura é descolada da cultura dos adultos, pelo contrário, a cultura da criança possui um conjunto de características que tem maior recorrência na infância, com aspectos como a ludicidade e a imaginação, mas a cultura infantil é própria dos humanos.

As crianças possuem o direito de serem consultadas e ouvidas, de se expressarem, opinarem e tomarem decisões a seu favor. Segundo Sarmiento (apud ROCHA; OSTETTO, 2008, p. 12),

As culturas da infância exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.

As crianças nos dão informações de formas diferentes, por isso é importante garantir uma maneira de apoiá-las para que possam demonstrar seus pontos de vista e possamos aprender modos diferentes de escutá-las, ou seja, de ouvir atentamente e observar suas reações e respostas considerando as ações apropriadas, que podem ser registradas, compartilhadas, discutidas e examinadas. Porém, acima de tudo, devemos estabelecer relações de poder entre crianças e adultos. Precisamos dar vez e voz às crianças, mas nós, adultos, devemos saber o que é melhor para elas e, por isso, não devemos deixar que decidam tudo o que desejam. O adulto tem esse papel importante de mediar e entender o que as crianças pedem e desejam e o que realmente é essencial para elas; e, dentro desses indicativos das crianças, deve fornecer espaços e propostas que as ajudem a crescer, aprender e se desenvolver.

Ao concebermos a docência na Educação Infantil, temos que saber que essa relação acontece por idas e vindas de sujeitos que ocupam um lugar diferenciado nas diferentes categorias geracionais (infância e idade adulta). Nós, como professores, iremos pensar e organizar as nossas práticas que estão disponíveis nessa relação, por isso temos que estar atentos às formas pelas quais as crianças se expressam através de afetos e sensibilidades. Precisamos auscultar,¹ ou seja, não só com os ouvidos, mas também compreender os conteúdos existentes nas próprias crianças, pois para nós importa mais observar e registrar relações e processos mais do que fatos e ações porque o foco na Educação Infantil são as relações pedagógicas, concebidas por adultos e crianças.

A criança entende, pensa e se expressa criticamente sobre o espaço e o modo como vem sendo educada e cuidada, sobre várias questões como sujeito consciente de suas condições.

Portanto, o contexto da instituição de Educação Infantil precisa construir estratégias que tenham intencionalidades no seu cuidar e educar, buscando compreender que as crianças se desenvolvem e aprendem em seus aspectos físicos, cognitivos, perceptivos, afetivos e sociais.

Com base no exposto, o presente trabalho teve como norte a seguinte pergunta problema: Como a prática pedagógica em Educação Infantil pode se posicionar em relação à multiplicidade de visões e significados em torno dos conceitos de cuidar e educar?

Diante disso, o objetivo deste trabalho foi o de verificar como os conceitos de cuidar e educar aparecem em alguns artigos e produções bibliográficas em relação à prática pedagógica em Educação Infantil, selecionadas nas bases de dados escolhidas.² Esse objetivo desdobra-se em outros dois: 1) apresentar a síntese de artigos e bibliografias escolhidos que abordam o tema do cuidar e educar em torno da prática pedagógica; e 2) relacionar as visões apresentadas por esses artigos e bibliografias levantados, de modo que se tenha uma noção satisfatória dos conceitos de cuidar e educar na prática pedagógica em Educação Infantil.

Este trabalho surgiu do meu interesse pelos estudos sobre a prática do cuidar e educar na Educação Infantil durante algumas aulas que tive com a professora

¹ Auscultar é mais do que ouvir e olhar as crianças, é perceber os conteúdos existentes nelas e através disso construir uma memória do vivido; é a descrição das relações e dos processos das crianças de modo contextualizado.

² No capítulo sobre a metodologia, especifico em que base de dados busquei os elementos que foram analisados.

Eloíza Rocha³ na disciplina de Organização dos Processos Educativos III e conversas com a professora Kátia Agostinho.⁴

Percebi que a rotina de um grupo de bebês é diferente da rotina de outros grupos de crianças. Isso foi ficando mais bem compreendido quando eu me inseri em um grupo de berçário em uma creche privada na qual trabalho até hoje. Ficou claro que existem especificidades na rotina dos bebês.

A prática com os bebês se caracteriza pela sutileza das ações no dia a dia. Os bebês possuem, para além da linguagem falada, outras formas de se comunicar como o olhar, o riso, o choro, os gestos corporais, o balbucio; formas de comunicação que dizem muito sobre cada criança. Estando o adulto em um ambiente como esse, disposto a entender, por meio da percepção, essas diferenças, compreenderá essas especificidades. Por exemplo, perceber os sinais corporais da criança, estar atento à temperatura do ambiente e deixar a criança mais à vontade, ou ainda, cobri-la em um dia mais frio, trabalhar com um grupo de crianças bem pequenas (bebês) exige preocupar-se com o bem-estar da criança, buscando assim práticas e relações mais humanizadoras.

O que mais me instigava era a prática pedagógica em relação ao cuidar e educar com esses bebês, tendo em vista que a grande maioria das ações no berçário é marcada por momentos de higiene, sono, alimentação e cuidado. No entanto, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009, p. 1), essa primeira etapa da educação básica

É oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

Nesse documento se esclarece a especificidade da Educação Infantil: cuidar e educar. Mas, na prática pedagógica, o que fazer com os bebês? Como não se perder em meio a tantas coisas da rotina? Meu enorme interesse era como são previstos esses momentos de cuidar e educar. Por assim entender que a prática

³ <http://lattes.cnpq.br/5257259008333189>

⁴ <http://lattes.cnpq.br/0092380035855105>

docente deve ser bem pensada e planejada, a professora deve ter claras as suas ações. Seguindo essa linha, Rocha e Ostetto (2008, p. 103-104) afirmam que

[...] Um projeto de educação para a infância deverá ter como eixo de sua organização as próprias crianças e seus processos de constituição como seres humanos, em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, expressivas e emocionais. Revela-se, pois, uma concepção de educação infantil que, ao considerar as determinações históricas e sociais das instituições de educação, sua complexidade e diversidade, assume a perspectiva de colocar as crianças como ponto de partida para a orientação e sistematização da ação educativa dirigida a elas, contrapondo-se às referências tradicionalmente tomadas nas práticas escolares, pautadas na transmissão de conteúdos disciplinares.

Portanto, a professora precisa considerar as demandas oriundas das crianças na Educação Infantil na perspectiva do cuidar e educar no dia a dia escolar, de modo que o desenvolvimento da individualidade e da coletividade dessas crianças seja potencializado.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir de pesquisa estritamente bibliográfica e documental, que, nas palavras de Prodanov (2013, p. 54), é aquela que se apresenta

[...] elaborada a partir de material já publicado constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos [...]. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

No início do processo de construção deste estudo, após várias tentativas de fazer levantamentos sobre o educar e cuidar em diferentes suportes, tais como revistas, vídeos, tutoriais, e levando em conta a farta produção acadêmica nessa área, tomei a decisão metodológica de pesquisar artigos que tratassem do meu foco de interesse na base de dados da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

A pesquisa realizada na base de dados da ANPEd foi direcionada para o Grupo GT07, que é um dos grupos que compõem a ANPEd Nacional, sendo nele discutidos especificamente temas relacionados a educação infantil, crianças de zero a seis anos de idade. A definição e a opção por esse grupo de trabalho estão diretamente relacionadas com a tônica desta pesquisa, a quantidade e a disponibilidade *on-line* dos trabalhos publicados.

Entrei no *site* e percebi que as reuniões mais antigas não estavam disponíveis. Então, resolvi pesquisar a partir do ano em que os trabalhos estavam disponibilizados *on-line*, ou seja, a partir do ano 2000. Resolvi inicialmente que iria fazer esse levantamento no período compreendido entre os anos 2000 e 2015. Um intervalo de 15 anos me pareceu significativo para esta pesquisa. Comecei verificando todos os trabalhos e pôsteres que estavam disponíveis no *site* da ANPEd Nacional (GT07) e que versassem sobre os temas cuidar e/ou educar. Em sequência, fui lendo todos os trabalhos e pôsteres e verificando um a um se aparecia algum elemento relacionado a cuidar e/ou educar e, também, alguma palavra-chave como “cuidar e educar”, “cuidar” e “educar”.

Após as leituras e os estudos dos títulos, dos resumos e das palavras-chaves, selecionei sete artigos, daqueles que estavam presentes no universo dos artigos

disponibilizados na ANPEd Nacional, que se encaixavam nos critérios descritos anteriormente e contribuíam para a construção das bases teóricas que dão suporte a este trabalho. O critério de escolha desses artigos foi analítico, pois dei preferência àqueles em que os conceitos de cuidado/cuidar e educar estivessem em clara relação com a prática pedagógica em Educação Infantil.

Todos os artigos encontrados no *site* da ANPEd Nacional direcionados ao GT07 foram publicados no período de 2000 a 2015 e versavam sobre o tema Cuidar e/ou Educar, tendo sido encontrados 16 no total. São eles: 1. *Educação Infantil: espaço de educação e cuidado* (2002), de Angela Maria Scalabrin Coutinho; 2. *Cuidar de crianças em creches: os conflitos e os desafios de uma profissão em construção* (2002), de Beatriz Belluzzo Brando Cunha (e coautora Luciana Fátima de Carvalho); 3. *As professoras de crianças pequenininhas e o cuidar e educar* (2002), de Maria José Figueiredo Ávila; 4. *Pequenas relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças* (2002), de Deborah Thomé Sayão; 5. *Creches domiciliares como espaço de Educação Infantil* (2003), de Karla Lucia Bento e Stela Maria Meneghel; 6. *O binômio cuidar e educar na Educação Infantil e a formação inicial de seus profissionais* (2005), de Heloisa Helena Oliveira de Azevedo e Roseli Pacheco Schnetzler; 7. *Sobre a presença de uma pedagogia do corpo na educação da infância* (2005), de Ana Cristina Richter; 8. *Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas* (2005), de Lea Tiriba; 9. *O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na Educação Infantil I* (2006), de Lenilda Cordeiro Macêdo e Adelaide Alves Dias; 10. *Um tempo vivido, uma prática exercida, uma história construída: o sentido do cuidar e do educar* (2007), de Leusa de Melo Secchi e Ordália Alves Almeida; 11. *Educação do corpo infantil como politização às avessas: um estudo sobre os momentos de alimentação em uma creche* (2007), de Ana Cristina Richter e Alexandre Fernandez Vaz; 12. *No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês* (2008), de Daniela de Oliveira Guimarães; 13. *Concepções de corpo, infância e educação na produção científica brasileira (1997-2003)* (2008), de Márcia Buss Simão; 14. *A prática educativa nas creches comunitárias de Curitiba* (2010), de Elisabet Ristow Nascimento e Ademir Valdir dos Santos; 15. *A vida do bebê: a constituição de infâncias saudáveis e normais nos manuais de puericultura brasileiros* (2010), de Cláudia Amaral Santos; e 16. *Bebês que se relacionam com*

crianças mais velhas: cuidados e conflitos na Educação Infantil (2015), de Carolina Machado Castelli e Ana Cristina Coll Delgado.

3 O CONCEITO DE CUIDAR E EDUCAR

A prática pedagógica na Educação Infantil engloba uma série de aspectos que fazem dela uma tarefa complexa, o que me faz crer que o consenso no fazer pedagógico, talvez, não seja algo palpável.

Os pontos de vista conceituais existentes influenciam, de modo notável, o cotidiano das muitas instituições infantis, pois, ainda que o ideal de desenvolvimento cognitivo e social da criança, bem como os conceitos de cuidado e educação estejam em jogo nessas instituições, diferenças pontuais ou opostas poderão ser verificadas num possível comparativo.

Os conceitos de cuidado e educação, mesmo que o senso comum tenha uma definição geral do que sejam, podem apresentar diferenças de acordo com o ponto de vista teórico escolhido. Sendo assim, essas múltiplas formas de encarar os conceitos de cuidar e educar na Educação Infantil criam distintas práticas pedagógicas.

A definição encontrada em dicionário dá à palavra “cuidar” (PRIBERAM, 2017) o significado de “tratar de alguma coisa”, de “interessar-se por algo”; e à palavra “educar” o significado de “cultivar”, “auxiliar na aquisição de dotes físicos, morais e intelectuais”.

Todavia, nos estudos de pedagogia, ainda que essas noções encontradas em dicionário e de senso comum sobre esses dois conceitos estejam presentes desde o início, outros aspectos e pontos de vista teóricos embasados em práticas distintas acrescentam a esses dois conceitos uma série de atributos que, ao fim, farão com que possam ser entendidos de diferentes maneiras. Por exemplo, num comparativo entre os trabalhos de Guimarães, *No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês* (2008), e de Secchi e Almeida, *Um tempo vivido, uma prática exercida, uma história construída: o sentido do cuidar e do educar* (2007), temos modos e entendimentos diferentes de cuidado e educação.

Nas pesquisas de Secchi e Almeida (2007), o cuidar e o educar aparecem de forma fragmentada e mecânica, ou seja, os professores dessa instituição pesquisada estavam preocupados em valorizar os comportamentos e as habilidades das crianças, buscando assim formas de antecipar os conhecimentos das crianças preparando-as para a escolaridade. E, em momento algum, também se percebe que estavam preocupados com um significado de cuidado e educação que acontece nas

trocas, nas interações, no vivido, na lógica da imaginação e da criação. Por seu turno, nas pesquisas de Guimarães (2008), o cuidar e o educar são vistos de forma positiva após a reflexão dos profissionais sobre o que pode a criança criar, o que ela pode para além do que está posto e estabelecido. O cuidado da creche é ressignificado à medida que as professoras realizam um trabalho sobre si mesmas, seus fazeres, dizeres e o porquê fazem. Sendo assim, as crianças interagem entre si, decidem e têm autonomia; e a professora as motiva nessas interações.

Porém, mesmo que exista uma multiplicidade de concepções explícitas e implícitas de cuidado e educação, multiplicidade essa que será demonstrada neste trabalho, convém uma aproximação, ainda que mínima, aos conceitos de cuidar e educar para verificar quais implicações estão em jogo quando se pensa sobre esses dois conceitos.

O sentido dos conceitos de educação e cuidado na pedagogia de Educação Infantil constrói-se, de modo inevitável, na relação adulto–criança, relação essa ressaltada no modo como o olhar direcionado à criança e à infância estruturou-se, sobretudo, da Idade Média em diante (CALDEIRA, 2010).

Caldeira (2010, p. 2) assinala que até o século XIII, praticamente, no mundo ocidental não existia a consideração da criança como um ser merecedor de educação e cuidados especiais, pois “[...] as crianças que conseguiam atingir uma certa idade não possuíam identidade própria, só vindo a tê-la quando conseguissem fazer coisas semelhantes àquelas realizadas pelos adultos, com os quais estavam misturadas”.

As noções de cuidado e educação direcionadas à criança mudam a partir do momento em que se atribuíam a ela “[...] modos de pensar e sentimentos anteriores à razão e aos bons costumes”, cabendo, portanto, aos adultos “[...] desenvolver nelas o caráter e a razão” (CALDEIRA, 2010, p. 3).

A partir dessa mudança de ótica, é possível falar em infância, em uma distinção desse ser com menos tempo de vida biológica em relação ao maduro adulto, ou seja, como um *adulto imperfeito* (CALDEIRA, 2010) a ser desenvolvido para a vida em sociedade.

Nesse período assinalado por Caldeira (2010), do nascimento de uma noção urgente em considerar a criança como um ser em desenvolvimento e que, na Idade Moderna, desembocará no surgimento factual do conceito de infância, surge também a noção clássica de educação baseada no binômio sujeito–objeto e suas

outras variações: ensino–aprendizagem, educador–educando, mestre–aprendiz, professor–aluno.

Encarar o processo educativo e de cuidado como uma relação sujeito–objeto decorre de a razão instrumental ser o paradigma de desenvolvimento e progresso do homem sobre os seus instintos e o ambiente natural que o circunda, ou nas palavras de Prestes (1996, p. 105):

Sabe-se o quanto é difícil superar o processo reprodutivo da razão instrumental que se impõe em diferentes esferas da integração social e atua também nos sistemas educativos. Essa razão se circunscreve no âmbito da relação sujeito–objeto, tem como thelos (finalidade) a dominação do mundo e não vê a relação sujeito–sujeito como constitutiva de seu significado.

A ideia de educar e cuidar no fazer pedagógico, pautado nessa perspectiva sujeito–objeto de razão instrumental, tem em sua base uma ideia ainda mais fundamental que é a de controle, com vistas a formar um indivíduo apto para o convívio em sociedade de uma maneira que se diz ordeira.

Podemos ver, portanto, que os conceitos de cuidado e educação são aqueles que podem remeter à relação sujeito–objeto ou sujeito–sujeito. Um dos objetivos deste trabalho é o de verificar as propostas pedagógicas em Educação Infantil que priorizam um conceito de cuidado e educação baseado na relação sujeito–sujeito, a partir dos textos da ANPEd que foram lidos.

Diante do exposto, podemos compreender que, para além das muitas visões e concepções que existiram e existem sobre a criança e a infância e também sobre o cuidar e educar, só um aqui irá nos interessar neste trabalho que é o cuidar e educar baseado na relação sujeito–sujeito, do qual trataremos adiante.

4 O CUIDAR E EDUCAR: A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Angela Maria Scalabrin Coutinho (2002) dirá que o cuidar e o educar são uma relação na qual dois atores são indispensáveis: o professor e o aluno. A autora chega a essa conclusão em seu estudo denominado *Educação Infantil: espaço de educação e cuidado*, em que pôde verificar, em uma creche da Grande Florianópolis, o modo como o cuidar e o educar eram apenas possíveis na interação entre esses dois personagens:

Ao desenvolver o estudo, que tinha como preocupação primeira conhecer as crianças e as suas culturas numa creche pública municipal de Florianópolis nos momentos de educação e cuidado mais voltados para o corpo, ficou evidente a necessidade de compreender a relação entre o educar e cuidar considerando o ponto de vista dos dois principais atores envolvidos nela – as crianças e as profissionais. (COUTINHO, 2002, p. 3).

O cuidado e a educação com as crianças, tanto nas creches como no âmbito familiar, são influenciados pelos sentidos e significados que os sujeitos sociais (professores, pais etc.) possuem sobre as práticas de cuidado e educação, as quais expressam os sentidos que eles atribuem à saúde, à higiene e à educação, ou seja, as significações culturais que esses sujeitos possuem é que definirão seus olhares e pontos de vistas em relação ao cuidar e educar com as crianças.

Logo, percebe-se que certas situações que ocorrem nas instituições infantis buscam um controle de posturas das crianças e seus modos de ser espontâneos. Essas situações acontecem como se fossem um manual, um ritual a ser seguido, buscando através disso acompanhar uma conduta, um modo de ser imposto pelo ordenamento social. Apesar disso, as próprias crianças buscam seus modos próprios de fugirem do que lhes é imposto. Isso é perceptível em algumas situações das creches, quando se pode observar, por exemplo, na hora do sono como as crianças se comunicam através de olhares, toques, balbucios, criando assim estratégias para fugir do que estão lhes impondo.

Maranhão (2000), em seu texto *O cuidado como elo entre saúde e educação*, sob essa perspectiva, enfatiza que as crianças responderão aos diferentes cuidados conforme suas necessidades individuais, experiências que viveram, maturidade funcional. Então, sua resposta irá realimentar ou não o cuidado que foi prestado a ela pelo adulto.

Já Ana Cristina Richter e Alexandre Fernandez Vaz (2007), em seu texto intitulado *Educação do corpo infantil como politização às avessas: um estudo sobre os momentos de alimentação em uma creche*, dizem respeito ao tempo e ao espaço que existem e se constroem, sendo o corpo o ator principal das propostas educacionais que se produzem como disciplinadoras e controladoras:

Nesse progresso de incivilidade para civilização, a geração mais nova é, então, conduzida a uma vida sadia, porém, petrificada em caminhos já trilhados; a um governo de si, porém enraizado em um processo de adaptação efetivado de modo severo e dolorido e que tem seu correlato no desenvolvimento de sentimentos que acabam se traduzindo em violências nem sempre visíveis, como costuma, aliás, se manifestar a barbárie de nossos dias. (RICHTER; VAZ, 2007, p. 13).

A alimentação no contexto de creches (objeto de estudo de Richter e Vaz (2007)) e estabelecimentos de Educação Infantil serve para que a criança tenha uma vida mais saudável, porém petrificada, pois, quando prescrevem os cardápios, esses estabelecimentos esquecem dos elementos culturais e históricos que fazem surgir na memória das crianças as experiências. O que ocorre muitas vezes é que nas instituições infantis as crianças são coagidas a se entregarem às repetições que lhes são exigidas como comerem sem fome, com rapidez, sem fazer sujeira. Como consequência, se acaso não seguirem o que lhes foi imposto, podem ficar de castigo ou ainda ser vítimas de métodos de compensação: “Só vou dar o prato para quem tiver sentadinho” (p. 8), “Quem não comer não vai assistir o vídeo” (p. 9) e “Não quero ouvir o que tu vais dizer. Come” (p. 9).

Isso mostra as muitas formas de violência, sobretudo a simbólica, quando em determinado ambiente, no caso aqui a escola, o indivíduo (a criança) se comporta de acordo com os critérios de quem o domina nesse espaço, os adultos ou professores. Mas sabemos que na educação não deve existir uma relação de dominação, e sim de trocas e respeito.

E, ainda sob essa perspectiva da alimentação e do controle, Rondon e Albuquerque (2016) expressam que nos momentos da alimentação o adulto-referência teria o compromisso de preparar o espaço de maneira a proporcionar uma interação de qualidade com o grupo de bebês que foi estudado, organizando as cadeiras altas de alimentação, as cadeiras baixas e as mesas. Deve-se dar aos

bebês oportunidades para que, conforme seus ritmos e interesses, se alimentem sós, tenham tempo para se alimentar ou serem alimentados de modo calmo, tranquilo, com total liberdade para experimentar, tocar, se lambuzar, sentir, enfim, o sabor do alimento, sua textura, temperatura. As experiências das crianças nas instituições infantis devem ser carregadas de significações (RICHTER; VAZ, 2007; RONDON; ALBUQUERQUE, 2016).

Leusa de Melo Secchi e Ordália Alves Almeida, na pesquisa intitulada *Um tempo vivido, uma prática exercida, uma história construída: o sentido do cuidar e do educar* (2007), consideram que é através da observação em relação às práticas pedagógicas que podemos detectar as concepções e as percepções acerca da Educação Infantil e também das aprendizagens das crianças. Isso se tornou notável quando em suas pesquisas de campo conseguiram averiguar o modo como alguns professores entendem a Educação Infantil, sob a perspectiva do esquema de cuidar e educar: a forma de entendimento é que definirá o modo como ocorre a aprendizagem infantil.

Nesse sentido, a interação é um fator preponderante na relação desenvolvimento/aprendizagem, pois é através de suas inter-relações com os outros que a criança se desenvolve cultural e individualmente. Assim, por ser um ser social, a criança necessita do outro para seu desenvolvimento e aprendizagem [...]. E esse outro na escola, como referência substancial, é o professor que, através de intervenções diferenciadas, faz a mediação entre a criança e os objetos de conhecimento, e é o elemento mediador entre a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal. Com essa compreensão, ao observar as interações estabelecidas nas salas de Educação Infantil que serviram de lócus para a pesquisa, a relação que prevalece é unilateral e linear. As professoras colocam-se numa posição de transmissoras e monopolizadoras do espaço, do tempo, das interações e das atividades da sala de aula. (SECCHI; ALMEIDA, 2007, p. 8).

A Educação Infantil, na perspectiva de Secchi e Almeida (2007), é pensada como espaço de direitos e produção das culturas infantis, o que exige a recusa de práticas reguladoras, homogêneas, universalizantes e impessoais constituidoras das tradições pedagógicas que valorizam somente os comportamentos das crianças e suas habilidades, que mostram a sua capacidade de reproduzir os padrões impostos pela nossa sociedade.

Quando, por exemplo, os professores têm uma preocupação maior em relação ao desenvolvimento motor dos pequenos no que diz respeito à escrita, preparando-os para a escolaridade, isso se fragmenta, rompe-se com o

desenvolvimento e a capacidade de a criança aprender, pois a aprendizagem torna-se algo mecânico, sem sentido, sem significado (SECCHI; ALMEIDA, 2007).

As crianças podem aprender ouvindo uma história, observando a professora ler e manusear um livro, vendo sua mãe fazer uma lista de compra, na escrita de uma carta, nas trocas e nas interações. Aprendem também com o ambiente, o espaço, pois esse é educador, pelo modo como está organizado e carregado de significações e percepções de quem o criou.

A lógica da imaginação e da fantasia é da criança, e é através da interação com o outro, o meio e o auxílio da professora oferecendo possibilidades que será oportunizado a ela um salto qualitativo. A professora precisa saber do que a criança necessita, o que ela já sabe fazer só e do que pode vir a realizar com o auxílio do outro, fazendo com que ela se desenvolva e aprenda. É nessa troca de saberes, culturas e conhecimentos que a criança reelabora, reinventa/cria, aprende e se desenvolve (SECCHI; ALMEIDA, 2007).

As contribuições das autoras Carolina Machado Castelli e Ana Cristina Coll Delgado (2015), na pesquisa intitulada *Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidados e conflitos na Educação Infantil*, mostram como existe uma relação entre as crianças e o cuidado, ou seja, o modo como umas cuidam das outras. As autoras investigam a questão dos conflitos em diferentes agrupamentos infantis. Porém, esses conflitos são parte de suas culturas de pares e as crianças aprendem umas com as outras a partir dessa relação. Isso é confirmado quando, em suas pesquisas de campo, abordam as relações de cuidados e conflitos vivenciadas por uma turma de bebês com crianças mais velhas de uma escola infantil filantrópica gaúcha no ano de 2014:

Dentro da própria infância, ainda há subgrupos geracionais [...] subgrupos etários [...], diferentes grupos etários ou subgerações [...] grupos, estes, marcados pelas especificidades que as crianças adquirem ao longo de suas infâncias. As crianças têm direito a essas diversidades relacionais, em que aprendem, ensinam, constituem suas culturas, perpetuam-nas e modificam-nas, assim como apresentam elementos para que as outras subgerações e gerações, concomitantemente, se constituam e modifiquem suas próprias culturas. Todavia, por mais que bebês e demais crianças sejam capazes de se relacionarem entre si e/ou com quaisquer outras pessoas, muitas vezes a instituição escolar acaba por privá-los e por definir com quem podem interagir, especialmente no que se refere à faixa etária. (CASTELLI; DELGADO, 2015, p. 3).

O que geralmente se observa nos grupos infantis presentes em um berçário é que as crianças são consideradas bebês por outras a partir das ações que estão subordinadas a fazer, tais como usarem fraldas, estarem aprendendo a falar, andar, sentar, rolar, balbuciar, e também por fazerem parte desse mesmo grupo nitidamente identificado por elas mesmas e pelos adultos como bebês. Portanto, o que se pode constatar em muitos grupos de berçário é que existem crianças em diferentes graus de aprendizagem corporal e linguístico.

Enquanto alguns bebês ainda estão aprendendo a sentar, a firmar o seu tronco, outros já estão conseguindo ficar de pé com apoio, sem apoio, dando os primeiros passinhos. Enquanto uns se comunicam através do olhar, do choro, do grito, outros já estão balbuciando ou até mesmo falando as primeiras palavras, pois “[...] isso parece demarcar uma diferença entre os bebês, o que nos leva a supor que há uma subgeração entre eles, da qual fazem parte os bebês mais novos, que possuem outra particularidade” (CASTELLI; DELGADO, 2015, p. 4). O que pode vir a acontecer em uma instituição infantil é que os professores demonstram mais atenção e cuidado com esses bebês mais novos, separando-os cada vez mais dos mais velhos.

Essa ideia de separação por faixa etária faz com que as crianças percam essa oportunidade de se relacionarem entre suas diferentes subgerações (CASTELLI; DELGADO, 2015). O que se percebe é que, ao longo dos anos, essas relações foram se extinguindo, porém são muito importantes para o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças, pois cada grupo traz em suas bagagens diferentes culturas e saberes.

Percebe-se, sob a perspectiva de Castelli e Delgado (2015), que o cuidado nas relações entre crianças e bebês vem sendo pouco discutido devido ao pequeno número, ou nenhum, de encontros entre os diferentes grupos geracionais e subgeracionais e, também, ao pequeno número de pesquisas a respeito.

Em virtude disso, é de grande importância que as crianças interajam entre elas e com os adultos para que aprendam. Em certas relações que acontecem nas creches, as crianças, tanto as menores quanto as maiores, sabem e aprendem com as relações vivenciadas, tornam-se capazes de solicitar atenção ou cuidado, através da repetição de palavras que ouviram de outros adultos em outras situações.

Quanto às crianças menores que se utilizam de outras formas para se comunicar, o toque e o carinho se tornam a ideia central do cuidar amigo

(CASTELLI; DELGADO, 2015). Logo, as crianças conseguem sentir através do toque se são realmente queridas, bem quistas ou não:

[...] o termo do operacional do tocar é sentir e embora o tato não seja em si uma emoção, ele provoca sensações e emoções, sendo provável que os bebês sejam capazes de perceber quem se importa com eles ou não ao serem levados ao colo. (CASTELLI; DELGADO, 2015, p. 9).

Esse cuidar amigo,⁵ segundo Castelli e Delgado (2015), aparece em muitas situações em que as crianças mais velhas observam que as menores precisam de ajuda e o fazem sem a solicitação do adulto. Essas situações são mais frequentes quando os maiores percebem que os bebês estão incomodados ou algo está deixando-os chateados.

Pode-se perceber, nas relações que existem entre os bebês e as crianças maiores, que as maiores não machucam os menores. Há conflitos entre eles e, às vezes, as maiores – entre elas – usam da força corporal para se impor. Mas com os bebês elas se comportam de outra forma: elas abrem mão do que querem para agradar os bebês (CASTELLI; DELGADO, 2015, p. 9).

É possível verificar também que nas situações mais severas de puxões de cabelo, mordidas e beliscões as crianças, tanto os bebês como os de outras subgerações, sabem pedir ajuda e se comunicam com olhares, gritos, choros. O contato estimulado pelo docente entre as crianças de subgerações diferentes deve ocorrer com mais frequência, pois isso é um direito das crianças: as maiores aprendem olhando como cuidar das menores, desenvolvendo assim novas habilidades e competências.

Elisabet Ristow Nascimento e Ademir Valdir dos Santos (2010), no texto intitulado *Cuidado ou educação? A prática educativa nas creches comunitárias de Curitiba*, afirmam que a formação dos professores, necessária para um atendimento de acordo com os documentos internacionais e a legislação brasileira, em torno do binômio cuidar e educar é quase inexistente, ou seja, em sua grande maioria não acontece, pois no currículo de atividades de formação continuada dos professores não são identificados elementos que consideram a integralidade dos aspectos físicos, cognitivos, linguísticos, sociais e afetivos das crianças.

⁵ O conceito de cuidar amigo, tratado por Castelli e Delgado (2015), apresenta certa dificuldade, pois muitas vezes é necessário, sim, separar as crianças maiores das menores, pois as maiores podem machucar as menores, ou seja, essas interações devem sempre ocorrer com a supervisão e o auxílio dos mais experientes, no caso aqui, as professoras.

Isso se confirmou na pesquisa que as autoras Nascimento e Santos (2010) realizaram em 82 Centros de Educação Infantil (CEIs), que são instituições predominantemente de base filantrópica e comunitária e de caráter privado, conveniadas à Rede Municipal de Curitiba, no Paraná:

O movimento histórico no qual se envolvem os CEIs Conveniados indica que as tendências e orientações quanto à Educação Infantil preconizadas nos documentos internacionais e no Brasil estão sendo, paulatinamente, levadas em conta no planejamento e execução institucionais, isso se expressa como cuidado, quer se caracterize como educação. As práticas educativas orientadas por este binômio repercutem nas instituições pesquisadas, permitindo que se compreenda a convivência de concepções e práticas que se orientam pelos modelos de carência e compensatórios, assim como há um fazer com as crianças que evidencia um reconhecimento das crianças como criadoras de cultura, valorizando, em maior ou menor proporção, aquilo que trazem do seu ambiente sociocultural. (NASCIMENTO; SANTOS, 2010, p. 14).

Com as questões aventadas por Nascimento e Santos (2010) sobre a formação continuada dos professores de Educação Infantil percebe-se que essa é negligenciada, ou seja, os professores não possuem esse direito garantido. Se quiserem, eles terão de buscar por conta própria a especialização.

Condições financeiras desfavoráveis e falta de tempo para realizarem esses cursos são fatores que dificultam a razoável especialização. Em geral, as creches não levam em conta a necessidade de formação continuada em serviço da educadora. O que se verifica é que muitos cursos de urgência são realizados, porém não resolvem os problemas que existem na Educação Infantil que levem em conta o binômio cuidar e educar, não contribuindo, assim, para a formação nem para a carreira profissional, muito menos para as ações e as práticas que acontecem com as crianças. Isso significa que ainda existem concepções compensatórias e de assistencialismo nas instituições, mas há também a valorização da cultura, da infância e das brincadeiras (NASCIMENTO; SANTOS, 2010).

Com as contribuições da Constituição de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 1990) e das lutas de movimentos sociais, essa situação toma um novo caminho, garantindo direitos às crianças: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] IV – atendimento em creche e pré-escolas a crianças de zero a seis anos de idade [...]” (BRASIL, 1988, art. 208).

Ao longo do tempo, mudou-se a concepção de educação, propiciando o surgimento de novas propostas pedagógicas, contrariando a ideia de creches

assistencialistas, enfatizando a associação do cuidado com a educação da criança. Portanto, surge a necessidade de a sociedade elaborar novas orientações, leis que favoreçam a educação da criança, tendo em vista o direito à Educação Infantil.

A LDB n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, afirmando que

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até 6 anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando assim a ação da família e da comunidade. (seção II da educação infantil, art. 29).

Devido a essa abordagem, as instituições devem se enquadrar em novas regras, pois a lei prevê a obrigatoriedade do direito à educação às crianças pequenas, embora ainda seja visível a dificuldade que muitas têm para tornar esse direito uma realidade. Isso acontece porque muitas instituições ainda estão despreparadas no amparo dessas leis, prejudicando, em certa medida, o desenvolvimento de muitas crianças.

A dicotomia entre o cuidado e a educação apresenta-se como uma dificuldade que está subjacente ao trabalho dos profissionais, ou seja, à sua formação inadequada, o que inclui a necessidade de revisão dos entendimentos que esses profissionais têm sobre criança, educação, professor e educação infantil. O problema dessa separação é decorrente da tentativa de superação do caráter assistencial, substituindo-o pelo caráter pedagógico, ou ainda, nas palavras de Maranhão (2000, p. 117): “Assim, não é possível separar as atitudes e os procedimentos dos cuidados que visam à educação, das atitudes e dos procedimentos que visam à promoção da saúde, assim como não é possível separar o biológico, do cultural e do afetivo”. As crianças têm direito à educação e ao cuidado de qualidade que atendam a sua singularidade como pessoa e promovam seu crescimento e desenvolvimento de forma saudável.

Daniela de Oliveira Guimarães (2008), em sua pesquisa intitulada *No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês*, afirma que as situações de disciplina e instrução são muito comuns nas relações que ocorrem entre adultos e crianças nas instituições infantis, mas, apesar de esse fato ser recorrente, também acontecem momentos em que os adultos abrem espaço para as crianças manifestarem suas ações e emoções e, então, elas são vistas com outro olhar,

como crianças capazes, que criam, inventam, escolhem, entendem, realizam. Isso se confirmou em seus estudos em uma creche da rede pública. A pesquisa indicou que os bebês constituem sentidos no olhar, através da imitação e da oferta de objetos, e em outras formas de troca com os adultos.

Quando escutam, observam, dão visibilidade ou dialogam com os movimentos das crianças (especialmente quando as crianças não se expressam verbalmente) as profissionais da creche indicam que os gestos e expressões dos bebês têm um valor. Por outro lado, não dirigir as crianças, mas incentivá-las a dirigirem-se, desenvolvendo autonomia, escolha e iniciativa é uma forma de cuidar do cuidado da criança sobre si, desenvolver uma atenção da criança sobre si. (GUIMARÃES, 2008, p. 4).

As crianças indicam e se comunicam por outras linguagens que não a fala, através de seus olhares indicam do que necessitam e pelo que se interessam. Existe aí, portanto, um modo de pensar a educação e o cuidado com as crianças que é não interferir, mas deixar que elas decidam, tenham autonomia. Com isso, as crianças começam a apresentar um cuidado consigo, um cuidado de si, ou seja, nos locais onde acontecem práticas de liberdade, elas não se tornam imóveis nem dominadas, nas relações de poder existe um respeito, uma ética. Foucault (1984) dirá que é no centro das relações de poder que existem práticas refletidas de liberdade, portanto há a possibilidade de ética. Para o autor, “[...] a liberdade é a condição ontológica da ética; mas, a ética é a forma refletida assumida pela liberdade” (FOUCAULT, 1984, p. 267).

Lenilda Cordeiro de Macêdo e Adelaide Alves Dias, em seu texto intitulado *O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na Educação Infantil* (2006), dizem que o papel das instituições de Educação Infantil é o de se pautarem segundo os documentos da LDB e da Constituição de 1988. E mais: que essas orientações deveriam fazer parte das práticas da Educação Infantil como ações de cuidar e educar de forma interligada, direcionada à criança pequena.

Macêdo e Dias (2006) buscaram, através da pesquisa que realizaram, entender como os professores que atuam com crianças de zero a dois anos compreendem essas relações de cuidar e educar integradas na Educação Infantil.

As professoras ao afirmarem que em um determinado momento cuidam e em outro realizam atividades pedagógicas, e que o ser humano pode ser dividido em partes evidenciam que não conseguem perceber de fato como se dá a relação cuidar/educar, uma vez que é contraditório pensar estas duas ações em separado. [...] as ações na creche são interligadas. O que

significa afirmar que o conteúdo educativo na creche está permanentemente interligado aos gestos de cuidar. Além do mais, quando se cuida sem nenhuma intencionalidade educativa, na verdade está se contribuindo para a permanência da pessoa em determinada posição na sociedade, conferindo-lhe determinado papel [...]. (MACÊDO; DIAS, 2006, p. 15).

A crítica de Macêdo e Dias (2006) acerca das ações das professoras que falam que ora cuidam, ora educam, fundamenta-se na medida em que não percebem como se dá o cuidar e educar na Educação Infantil, pois elas consideram desse modo que o ser humano é dividido. Dessa forma, o dualismo é reforçado quando na sociedade as crianças são preparadas apenas para o mercado de trabalho, ou seja, a função social escolar existente é formar um indivíduo qualificando-o para a produção e a reprodução social, em que se reproduz um sistema de classe, fazendo no seu interior a separação para a sociedade existente e não para o que de fato importa: elas são vazias de conhecimentos científicos.

Através do que foi exposto, podemos perceber que os conceitos de cuidar e educar vão em uma direção na qual os professores reflitam sobre as suas práticas docentes com os pequenos e compreendam o cuidado para além de necessidades básicas diárias, refletindo sobre o cuidado como um conceito mais amplo e que está presente em todos os momentos da Educação Infantil, contemplando a especificidade dessa área.

5 OS CONCEITOS DE CUIDAR E EDUCAR: FERRAMENTAS QUE SE TECEM NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Torna-se evidente neste primeiro artigo analisado que, para Coutinho (2002), o cuidado não estava sendo intencionalmente educativo na prática dos professores, visto que eles não levavam em conta a valorização desse momento como possibilidade de aprendizagem. Nos momentos de sono, por exemplo, não era permitido que as crianças se comunicassem e/ou se tocassem, não ocorrendo, assim, a afetividade. Podemos perceber que esses momentos não foram pensados, planejados, tornando-se uma ação aligeirada, mecanizada, instrumental, fragmentada. Um exemplo a ser citado é quando uma criança urina, ficando úmida, pede um banho e não é atendida, só lhe trocam as roupas. Se existissem as condições de a criança ser banhada, esse poderia ter sido um momento rico de trocas entre a professora e a criança. Isso vai ao encontro do que Caldeira (2010) trata: se a professora entendesse e seguisse o processo educativo e de cuidado como uma relação de sujeito–objeto em que a razão instrumental predominasse, a criança se tornaria o eixo para que as práticas pedagógicas que a consideram mero objeto a ser desenvolvido se perpetuassem.

No artigo de Richther e Vaz (2007), é possível perceber ainda que o educar e o cuidar não são pensados nas propostas dos professores. Isso se torna evidente a partir das investigações realizadas na instituição de Educação Infantil na hora da alimentação. De acordo com os autores, o que geralmente ocorria era um ritual que se seguia todos os dias, com cardápios prescritos como saudáveis, mas em nada significativo para as crianças: essas eram sujeitas a comerem sem fome, de maneira rápida, sem se sujarem, fazendo desse momento não uma experiência que desencadearia lembranças, memórias boas, mas, sim, atos de violência simbólica e cultural.

O que as instituições pretendem com isso é regular as posturas, os gestos e os movimentos corporais para que as crianças criem certo grau de independência dentro de um conjunto de regramentos para, após terem “adquirido” algum refinamento, sejam liberadas da tutela dos adultos, conquistando dessa forma elementos de autonomia; autonomia essa que não está preocupada em que a criança seja respeitada e conheça a si mesma (um cuidar que não engloba o

educar), formatando assim o paladar das crianças, fazendo com que praticamente todos os momentos da creche fiquem subordinados aos momentos da alimentação.

Conforme trata Machado (2016), o cuidado e a educação entendidos como controle se sustentam na visão de que os sistemas físicos, assim como coisas humanas largadas à sorte, sem certo controle, tendem a sair da ordem. É uma educação de razão instrumental que quer ditar e controlar. É a razão contra a liberdade. O autor fala que a professora deve efetivar uma autoridade responsável. Portanto, essa autoridade não deve ultrapassar os limites da personalidade, ou seja, não pode ser imposta, tem de vir de forma espontânea. Deve permitir que as crianças vivam, desejem, experimentem, ousem, tenham liberdade de escolha, conforme seus interesses e respeitando seus ritmos, para que assim suas experiências se tornem significativas e façam sentido.

Secchi e Almeida (2007) mostram em suas pesquisas que o cuidar e educar na instituição na qual o estudo foi realizado era baseado em práticas reguladoras e impessoais, pensadas para valorizar o comportamento e as habilidades das crianças. Por exemplo, quando citam que as professoras estavam preocupadas com o controle do desenvolvimento motor das crianças em relação à escrita, e não com o significado que isso poderia ter na vida de uma criança, que é o que, justamente, fará com que aprenda.

É na troca, entrando em contato com outras culturas e saberes, gerações diversas, nas interações e nas experiências do cotidiano que a criança irá aprender, criar, reelaborar, fantasiar, pensar, tentar, errar, acertar, formular hipóteses. Sabemos que o conhecimento se dá também através da observação, da oralidade, da criatividade. Nesse sentido, Vigotski (1999, p. 128) enfatiza que “[...] a imaginação é um momento totalmente necessário e insuperável do pensamento realista”.

Essa discussão interessa-nos porque apresenta um contraponto às visões pedagógicas estudadas por Secchi e Almeida (2007). Machado (2016) dirá que essa autoridade desenfreada, que tende a formatar a criança em mero demonstrador de resultados para a sua família e sociedade, não respeita a individualidade e não possibilita o desenvolvimento de suas potencialidades.

As autoras Castelli e Delgado (2015) dirão que o cuidar e o educar na instituição na qual realizaram as suas pesquisas não se tornaram presentes em muitos momentos. Isso é percebido quando constataram que não existia

regularidade de encontros entre bebês com crianças maiores. Esses encontros são de fundamental relevância, pois existe uma relação de cuidado entre as crianças, como referido anteriormente. O fato de umas cuidarem das outras não significa dizer que não ocorram conflitos, o que é normal, pois faz parte das culturas de pares; as crianças mostraram que conseguem resolver tais conflitos, às vezes com o auxílio do adulto e outras vezes sem o auxílio. O que acontece muitas vezes nos grupos de berçário é que os professores acabam por relacionar os tipos de subgerações que existem dentro do grupo, afastando assim os menores dos maiores por acreditarem que aqueles merecem maior atenção, conseqüentemente diminuem o número de encontros entre esses diferentes grupos. Isso faz com que as crianças percam a grande oportunidade de aprenderem com as outras.

Percebeu-se nessa pesquisa que as crianças maiores aprendem com os adultos imitando seus gestos e ações ou repetindo palavras para solicitar algum cuidado. Já as menores se comunicam de outra forma, solicitando cuidado através de outras vias como olhares, gritos e choros. Foi identificado que as maiores cuidam das menores, exemplo disso é o fato de abrirem mão do que querem para agradar as menores. As maiores aprendem como cuidar das menores observando, por isso é de fundamental importância que esses encontros ocorram com maior frequência nas instituições de Educação Infantil para que as crianças possam desenvolver novas habilidades e competências. Segundo Prestes (1996), torna-se difícil a superação da razão instrumental em que essa relação de sujeito-objeto vise à dominação dos corpos e das posturas das crianças.

Nessa relação o que se quer são práticas universalizantes, homogêneas, padronizadas, com rotinas duras, inflexíveis, com hora e lugar marcados para que as coisas aconteçam, sempre igual e do modo como esperam que seja, não conseguindo perceber que a relação que ocorre entre sujeitos é a de significado, quando vivem, trocam saberes e experiências, são autores e atores de suas próprias histórias, respeitados por suas necessidades e especificidades e como sujeitos de direitos que são.

No artigo de Nascimento e Santos (2010) percebe-se que as práticas educativas voltadas para o cuidar e educar, por vezes, se repercutiam na instituição pesquisada de forma complementar, superando assim as concepções de modelo de carências e assistencialismo.

O movimento histórico no qual se envolvem os CEIs Conveniados indica que as tendências e orientações quanto à Educação Infantil preconizadas nos documentos internacionais e no Brasil estão sendo, paulatinamente, levadas em conta no planejamento e execução institucionais, isso se expressa como cuidado, quer se caracterize como educação. As práticas educativas orientadas por este binômio repercutem nas instituições pesquisadas, permitindo que se compreenda a convivência de concepções e práticas que se orientam pelos modelos de carência e compensatórios, assim como há um fazer com as crianças que evidencia um reconhecimento das crianças como criadoras de cultura, valorizando, em maior ou menor proporção, aquilo que trazem do seu ambiente sociocultural. (NASCIMENTO; SANTOS, 2010, p. 14).

As concepções de infância, criança e educação infantil que os professores e as propostas mostraram, nas suas formas de trabalhar com as crianças nas brincadeiras, na contação de histórias, em cantorias, danças, cuidados, atividades pedagógicas, conversas, confirmam o elo que existe entre o cuidado e a educação nessa instituição. É sabido que a educadora também se transforma, se modifica pelas e nas relações e interações que vivencia com as crianças nesses locais, com as famílias. Com os seus colegas ela aprende e se modifica. Com o passar do tempo, ela reconhece qual é a sua função com os pequenos e passa a se enxergar não só como alguém que cuida, toma conta, mas como uma pessoa que é de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças. Isso só acontece através das experiências que a educadora vivenciou e também de experiências de formação em serviço que irão ajudá-la na sua prática pedagógica.

Aqui podemos concluir que várias atividades trabalhadas pela professora de Educação Infantil fazem parte da educação formal, não estando separadas, visto que não devem estar. O que ocorre na maioria das vezes é o fato de o adulto opor uma à outra. Quando a professora está cantando, lendo, conversando, contando uma história, está trabalhando com elementos que fazem parte da educação formal; nem por isso a educação informal deixou de ser trabalhada. Entretanto, foi trabalhada através do lúdico, da imaginação, da fantasia, ou seja, essas são possibilidades de criar práticas pedagógicas que não sejam fragmentadas, que façam sentido, que não sejam descontextualizadas. Pensar sobre a Educação Infantil exige de nós professores um olhar diferenciado sobre a criança; saber que a criança é um ser completo e que não é só na escola que ela aprende; entender que ela tem conhecimentos que traz do meio sociocultural e que devem ser respeitados.

Guimarães (2008), em pesquisa realizada sobre os bebês, discute sobre as práticas de cuidado e traz conceitos importantes para a prática docente com essa

faixa etária. A autora destaca a importância do cuidado de si, conceito presente na investigação de Foucault, que aponta “[...] o cuidado como um movimento de interrogar-se sobre si, efetuar um trabalho sobre si, numa perspectiva ética” (GUIMARÃES, 2008, p. 1). Com vistas a nos interrogarmos sobre as nossas próprias ações, “[...] eu como educador reflito sobre o meu trabalho? Sobre as minhas ações? As minhas emoções e meus fazeres?” (GUIMARÃES, 2008, p. 4). Continua a autora:

Quando escutam, observam, dão visibilidade ou dialogam com os movimentos das crianças (especialmente quando as crianças não se expressam verbalmente) as profissionais da creche indicam que os gestos e expressões dos bebês têm um valor. (GUIMARÃES, 2008, p. 4).

Esse é o cuidado de si, que é mais amplo e que considera as crianças como sujeitos atentos e potentes que são. A autora trata ainda de que é de fundamental importância que os professores tenham uma reflexão crítica sobre as suas ações na prática com as crianças. Eles devem estar atentos para o cuidado de si para que possam assim também desenvolvê-lo nas crianças: pois o cuidado de si para as crianças “[...] é o momento que nasce o si mesmo, é o encontro deles consigo mesmos” (GUIMARÃES, 2008, p. 4).

As crianças são potentes, vivas, ativas, inventivas e só darão conta disso se o adulto possibilitar que dialoguem, se movam, se expressem verbalmente ou não, através de seus gestos, ações, expressões; isso tem muito valor. A professora não deve fazer as atividades pela criança, mas sim incentivá-la, encorajá-la, deixando que ela desenvolva sua autonomia e capacidade de escolha e tenha iniciativa. Essa é uma forma de cuidar do cuidado da criança sobre ela mesma, porque, se o motivo da ação está no interesse da criança, devemos deixar que ela possa decidir. Enfim, a professora deve refletir sobre o seu trabalho, sobre o que pode uma criança realizar para além do que está posto, estabelecido. Nessa direção o trabalho da instituição é ressignificado, principalmente quando a profissional faz um trabalho de reflexão sobre as suas práticas, pensando por que faz, para que faz, de qual forma faz, e ainda, repensando sobre outros jeitos de fazer a realidade acontecer.

Ainda nessa perspectiva, do cuidado de si, os profissionais devem deixar que as próprias crianças se dirijam para construir e reconstruir seus próprios entendimentos do mundo a partir do que já sabem, conhecem e do que foi ensinado.

Não é a mesma coisa que liberdade completa, mas sim possibilidades que são geradas graças à professora para que desenvolvam a sua autonomia, aprendam a fazer escolhas e a se conhecerem.

Outro conceito importante para as nossas discussões surge dos estudos de Mikhail Bakhtin (2004 apud GUIMARÃES, 2008), que trata da atitude de responsividade, que remete à ideia de intenção, trocas, afetos, de perceber o que o bebê está fazendo e iniciar uma resposta em direção a ele.

Perceber o olhar dos bebês significa perceber onde estão situados no movimento de desenvolver com eles a responsividade (GUIMARÃES, 2008, p. 13). É esse olhar que vai romper com o automático, a rigidez, a mecanicidade, pois às vezes os adultos narram o que estão fazendo, mas a fala não é exatamente o que sustenta a ligação afetiva; às vezes as cenas são caladas, mas a conexão da criança com o adulto está no olhar ou, como enfatiza a autora, “[...] quando o olhar da criança encontra com o do adulto, rompe este automatismo e estabelece-se o contato e a comunicação” (GUIMARÃES, 2008, p. 13).

O artigo de Macêdo e Dias (2006) dirá que as práticas educativas voltadas ao cuidar e educar, como entendidas por alguns professores dessa pesquisa (no caso a maioria dos entrevistados), afirmam que a criança é um ser que se divide entre corpo e mente, ou seja, os professores demonstraram em suas falas a compreensão de cuidado como simples atenção física ou de higiene e a ação educativa em separado, ora como disciplina moral, ora como habilidades para o futuro ingresso na escola.

As práticas de cuidar/educar implicam em atitudes e comportamentos que demandam conhecimentos, habilidades e até valores potencializados no sentido de contribuir para o desenvolvimento da criança. Isto significa que o foco deve ser ajudar o outro a se constituir enquanto pessoa, a melhorar a sua condição de vida enquanto cidadão. Sendo assim, subjaz a idéia de que as ações de cuidado além de racionais são, sobretudo, interativas, pois demandam o desvelo, a criação de vínculos, o acolhimento do outro apesar das diferenças, a construção de conhecimentos culturais e atitudes sociais. (MACÊDO; DIAS, 2006, p. 4).

O cuidado requer, portanto, cuidar do outro em todas as suas dimensões e não só atender as suas necessidades básicas de sobrevivência. O cuidado não é só o desvelo. O cuidado requer reflexão, desvelo, vigilância. Todavia, não apenas o desvelo e o cuidado são importantes, pois do contrário se trabalharia de forma reducionista, ou seja, quando se pede às crianças que façam uma fila com o

propósito de que aprendam essa ação para utilizar no próximo patamar que irão alcançar, no caso outro grupo com crianças maiores, aqui vemos com clareza que os professores não estão levando em conta se isso vai ser bom para o desenvolvimento ou o bem-estar da criança, e sim com o único intuito de adaptá-la a situações sociais.

Também não se deve trabalhar na perspectiva de que o cuidado tenha que estar acima da educação, pois dessa forma se estará trabalhando o afeto como compensatório, como forma de paparicar, como se as crianças fossem carentes de afeto, em virtude de suas famílias serem oriundas de classes economicamente pobres, tornando-se um preconceito com relação a crianças de classes populares. Isso significa dizer que há um desrespeito pelos valores e pelos conhecimentos que as crianças trazem de seu cotidiano. Há também professores que entendem que o cuidar e o educar devam ser indissociáveis para potencializar o desenvolvimento das crianças, olham o afeto não como um favor, mas algo que faz parte do ser humano: é um aspecto que deve ser trabalhado em conjunto com os outros.

O direito de poder expressar as emoções, a criação de vínculos afetivos, é de fundamental importância, só assim as crianças podem, de fato, expressar seus desejos e necessidades. Então, essas emoções devem ser compreendidas, mas não alimentadas. É importante para o crescimento emocional da criança que a professora detecte suas emoções e tente solucioná-las falando com a criança, porém os desejos e as raivas também são emoções, não devendo ser alimentados pela professora: ela não deve reforçar esses comportamentos que não são saudáveis. O que ela deve fazer é ajudar as crianças a se expressarem de outras formas dissociadas de emoções destrutivas, incentivando aquelas que são a base da colaboração, por exemplo.

Nós reforçamos esse dualismo corpo e mente quando preparamos as crianças apenas visando ao mercado de trabalho e à sociedade em que vivem. A função social escolar vigente é formar o sujeito para a produção e a reprodução social, a escola não ensina então conhecimentos mais elaborados, e sim conhecimentos que irão reforçar a ideologia que perdura na sociedade atual. O que nós precisamos é de trocas, interações, para entender o nosso mundo, assim o foco deve ser ajudar o outro a se desenvolver e se constituir como pessoa, ser humano integral que é, e isso requer atender as suas individualidades; compreender suas manifestações emocionais e solucioná-las; proporcionar uma autonomia que ajude a

criança a se conhecer, e não somente liberá-la da tutela do adulto, ou ainda, que não desenvolva apenas habilidades motoras para utilizá-las nas etapas seguintes, e sim uma autonomia que contribua para o desenvolvimento do eu, do sujeito completo que é.

Diante do exposto, podemos afirmar que o cuidar e o educar devem ser propostas pensadas como indissociáveis na Educação Infantil, sendo essa a forma de se trabalhar com as crianças nessa faixa etária, através das experiências e das relações com outras crianças e adultos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da presente pesquisa foi analisar como as diferentes visões e concepções em relação ao conceito de cuidar e educar na Educação Infantil influenciam o modo como as práticas educativas vêm sendo desenvolvidas nessa área. Para alcançar esse objetivo, discuti brevemente os conceitos de cuidar e educar, dimensões que constituem a especificidade da Educação Infantil, e analisei alguns artigos da ANPEd Nacional entre os anos de 2000 a 2015 relacionados ao cuidar e educar.

A análise buscou verificar quais eram as concepções e visões dos professores em relação ao cuidar e educar e como isso influencia a prática educativa. Também procurou fazer um comparativo entre os autores pesquisados, destacando como definem o cuidar e educar.

Diante das análises conferidas e apreendidas nesta pesquisa, pude observar que, em certa medida, é considerada uma tarefa árdua a atuação com crianças pequenas, dado que a maioria delas passa grande parte do seu dia nas instituições de Educação Infantil e/ou em creches. Na verdade, percebo isso como um desafio, já que precisamos proporcionar um cuidado, mas que não seja assistencialista, um cuidado que envolva a educação, pois a criança é um ser completo e, por isso, todos os seus aspectos devem ser contemplados: físicos, cognitivos, sociais, afetivos.

Os professores, então, devem ter um olhar atento e desenvolver com as crianças a responsividade, ou seja, que elas possam ser respeitadas através de seus direitos, quando escolhem e ou se interessam por algo.

Sabemos que na Educação Infantil algumas crianças, especialmente as bem pequenas, se comunicam por outra via que não a fala. Para que a professora possa ajudar a criança a se desenvolver, precisa dar importância e atenção aos sinais que os pequenos podem oferecer, pois é através de suas comunicações não verbais e das brincadeiras que eles indicam do que precisam, pelo que se interessam e onde estão situados. Tendo isso em vista, é fundamental que a professora seja capaz de traduzir e interpretar essa comunicação para entender as solicitações das crianças e as possibilidades de conhecerem o mundo pelo que lhes chama a atenção, isto é, possibilitado pelo olhar atento da professora.

A professora deve ter com a criança comportamento de proteção, conforto, assistência, mas também deve deixar que a criança explore e tenha autonomia. É

através das propostas que ela apresenta aos pequenos no cotidiano escolar que o processo de ensino–aprendizagem acontece. O corpo da criança nos indica do que necessitam, seus interesses. A motivação para a criança agir está no seu interesse.

A professora, então, deve cuidar quando da retirada da criança de si mesma, ou seja, quando uma criança está brincando, mergulhada em um brinquedo, e a professora encerra a brincadeira, ela corta, retira a criança desse mergulho, momento produtivo para o desenvolvimento da criança.

Ter e desenvolver responsividade com as crianças é perceber em que lugar elas estão situadas e respeitar esse local. Só se produz conhecimento quando há um interesse manifesto.

A professora deve refletir sobre os seus afazeres e percepções, sobre si mesma. Deve refletir sobre as suas ações e emoções e estar atenta as suas propostas e intervenções com os pequenos, procurando novas formas de trabalho. É nesse momento que ela valoriza, olha, escuta, respeita e entende os movimentos das crianças. É nesse momento que ela está desenvolvendo com elas o cuidado delas sobre si mesmas que elas aprendem a escolher, a ter iniciativas.

A professora deve ainda desenvolver com as crianças um cuidar amigo que tem relação com o toque, a carícia, que provoca sensações agradáveis. Os bebês, por exemplo, conseguem identificar esse cuidado amigo ao serem levados ao colo, serem tocados ou por meio de olhares de quem se importa e age em seu favor, tentando solucionar os problemas que surgem e as solicitações: isso demonstra o que o outro pensa e sente ao seu respeito.

Esse cuidar que é dirigido à criança, tenta ajudá-la a se sentir melhor – que dá carinho, atenção, brinca, toca, sorri, trata com carinho, se interessa pelo outro, dá forças, respeita –, é compreensivo, interage em outras linguagens (choro, gestos, balbucios, sorrisos, olhares) e age em seu favor para evitar que coisas simples e ao mesmo tempo complexas aconteçam, como se machuque, é fundamental. O cuidar amigo diz respeito também a dedicar-se, querer participar da vida do outro. É quando a existência do outro tem sentido para mim, é uma relação que não busca vantagens e não quer dominar, mas tem compaixão e quer dividir as tristezas, as angústias e as alegrias.

Portanto, devemos ter em mente que o projeto a se desenvolver com as crianças nas instituições infantis deve ser e ter como eixo fundante de sua organização as próprias crianças e seus processos de formação humana.

Ser professora na Educação Infantil não significa ensinar conteúdos sistematizados, compartimentados, mas sim nos comprometermos em levar em conta os aspectos sociais e culturais da sociedade da qual as crianças fazem parte e que ajudam a construir. Por essa razão, a professora deve ser uma pesquisadora sobre o universo das crianças para que assim possa compreender suas singularidades, olhar para as suas manifestações, movimentos e desejos. Só assim a professora poderá entender do que elas precisam.

A professora deve ter o papel de enriquecedora das experiências e dos conhecimentos das crianças, entendendo que o meio em que a criança está inserida é o propulsor para o enriquecimento de seu desenvolvimento. Para isso, é necessário que se estimulem outros tipos de experiências, as afetivas, físicas, perceptivas e sociais.

Temos, então, que realizar um exercício de nos colocarmos no lugar do outro e focarmos nossa atenção em nossos saberes (que são ações e atitudes reflexivas sobre o nosso próprio agir pedagógico), e não em saberes a respeito das crianças. Isso é que nos dará a intencionalidade de proporcionar espaços e tempos para a novidade que é a infância das crianças pequenas e a singularidade que cada um traz consigo de outros meios socioculturais quando se envolvem nas práticas que são desenvolvidas nesses espaços de Educação Infantil.

Em algumas situações vivenciadas por mim em relação ao cuidar e educar em instituições de Educação Infantil, pude perceber que o objetivo principal era a rapidez e a mecanicidade. Isso de forma nenhuma contribui para um cuidado amigo que vise à educação.

Quando vamos realizar uma troca, devemos saber e ter em mente que estamos em um momento íntimo da criança e precisamos proporcionar a ela confiança, carinho e respeito. Então, a professora se pergunta: “Mas então tenho que planejar as trocas?” Sim, mas não a tornando uma atividade, e sim levando em conta que, quando se está realizando uma troca, esse é um cuidado que visa à educação. A fala é muito importante, é uma forma de estar se relacionando com a criança. É importante estar atento para o fato de que um cuidado que visa à educação não é só a fala que nomeia partes do corpo e explica o que está fazendo, mas, e principalmente, proporciona um ambiente aconchegante e estabelece um vínculo afetivo com a criança, de modo a se sentir segura, respeitada, amada. É importante também conversar e olhar em seu olho; o olhar é muito importante, pois

diz muito sobre as coisas. Tocar com respeito a criança para que ela se sinta segura e possa assim olhar essa pessoa não mais como um estranho, mas como alguém que quer ajudar, cuidar, educar. E assim a criança pode anular esse sentimento que eventualmente possa sentir de invasão e tornar esse momento, que é um cuidado de si, agradável.

Também pude observar em algumas atividades desenvolvidas pelas professoras nessas mesmas instituições que a grande maioria estava demasiadamente preocupada com o desenvolvimento da motricidade fina das crianças. Isso acontecia quando a proposta dirigida consistia em repetir exercícios de traçados de letras e números inúmeras vezes, visando a uma futura alfabetização. Tal fato entrega uma preocupação em preparar a criança para o futuro que virá, para a escolarização, sendo valorizados os comportamentos e as habilidades, bem como suas capacidades de reproduzir os padrões, formatando-as para o trabalho.

Sabemos que a leitura e a escrita devem ser trabalhadas de forma lúdica, criativa e prazerosa para que tenha um significado, para que a criança possa criar e se expressar. Por exemplo, quando a professora pede às crianças alfabetizadas que escrevam a respeito de algo que vivenciaram ou algum evento de que participaram, isso terá um significado, uma importância para elas, pois foi uma experiência de que fizeram parte.

O objetivo dos professores com esse tipo de atividade que leva em conta só o controle motor acaba, de acordo com os estudos realizados, fragmentando apenas na técnica o educar, deixando de lado aspectos importantes como a compreensão, a colaboração e o cuidado de si e com os outros: a criança recebe uma tratativa que a compara a uma argila ou barro que precisa ser modelado.

Boa parte das instituições infantis trabalha na perspectiva de que a criança primeiro se desenvolve para depois aprender, ou seja, ela aprende a escrever letras para depois escrever, aprende a ler as letras para depois aprender a ler sílabas, palavras etc., como se a maturação fosse algo determinante para a aprendizagem, e não é.

Sabemos que as crianças aprendem e se desenvolvem por meio das relações, das experiências que vivem dentro e fora da creche. Elas se desenvolvem pelas atividades sociais, por meio das relações entre adultos e crianças e também pela mediação. A professora deve mediar, oferecer possibilidades e criar estratégias

para que as crianças possam interagir por meio dessas experiências e se desenvolver.

Em relação à alimentação, constatei durante minhas experiências como docente que os professores pediam a todas as crianças que comessem sem se sujarem, tendo como objetivo ensiná-las a comerem com os talheres (garfo e faca) e todos os alimentos que compunham o cardápio do dia, mesmo que não gostassem. Por vezes, elas eram obrigadas a comer tudo o que estava no prato, mesmo sem estarem com vontade e/ou necessidade, entre outras coisas.

As professoras se empenhavam para que as crianças desenvolvessem uma autonomia em relação às questões da alimentação. Porém, essa autonomia não estava preocupada com a criança, ou seja, ela não tinha direitos de escolha, pois, quando a criança começa a escolher, ela vai aprendendo a se conhecer, a saber do que gosta, do que não gosta, da quantidade que é suficiente para si, da sua necessidade. No próprio movimento de levar a colher até a boca, ela leva o alimento até a bochecha, se suja, isso não é aprendido? Quando põe a mão no alimento e sente a textura, a temperatura, com tudo isso a criança aprende a cuidar de si, a se conhecer. Esse é o cuidado que também é educação, e vice-versa. A criança vive, experimenta, faz, experiencia e é respeitada. Esse é um cuidado que leva em conta a educação que olha e respeita o ser humano integral.

Essa autonomia que é trabalhada pelas professoras é uma autonomia que não está preocupada se a criança irá se conhecer e ser respeitada, está interessada em que a criança seja o mais rapidamente possível liberada da tutela do adulto e assim siga agindo mediante o autocontrole. E está preocupada com o desenvolvimento motor da criança, que ela aprenda a se servir e comer sem se sujar, a utilizar os talheres. Quando, por exemplo, a criança já consegue utilizar a faca, ela é considerada uma “mocinha” (já faz parte do mundo adulto); todo esse empenho não leva em conta o significado das experiências que a hora da alimentação pode e deve proporcionar à criança.

Devemos desenvolver com as crianças um cuidado e educação que não antecipe a escolaridade, que não queira regular os seus corpos, que não queira só libertá-las da tutela dos adultos, mas um cuidado e educação em que elas tenham liberdade de escolhas, desenvolvam sua autonomia, tenham seus direitos garantidos como ser humano que são, e não que estão por vir; que experimentem, vivam, sintam, realizem, criem, pensem, reelaborem, inventem; que tenham sua

singularidade e especificidade garantidas; que durmam não porque a professora queira, mas porque elas precisam; que possam demonstrar quando não estão interessadas no que está sendo proposto ou no modo como está sendo posto; que suas questões histórico-culturais e sociais estejam sendo respeitadas.

A visão que se tem é de que ser professora de bebês e/ou crianças bem pequenas só diz respeito ao cuidar e isso é equivocado, pois sabemos que ser professora da Educação Infantil não significa só cuidar e atender às necessidades dos pequenos, conforme explicitado nesta pesquisa, cuidar e educar são indissociáveis na Educação Infantil. O trabalho da professora com essa faixa etária deve ter uma presença atenta e ativa, estar disponível e compartilhar com as crianças os acontecimentos do dia a dia.

Para finalizar, acredito ser de grande relevância destacar que a criança é o pilar para se pensar a Educação Infantil, por isso é necessário conhecê-la, respeitá-la com todos os conhecimentos que ela traz e saber que é um ser completo e que todas as suas dimensões devem ser respeitadas.

Escrever este trabalho final do curso foi para mim um momento de muita alegria, mas também de muita angústia. Alegria de saber que eu estava bem próxima de realizar meu sonho. Angústia porque escrever para mim nunca foi tarefa fácil. Peguei-me em muitas questões: como começar, de que modo? Medo, insegurança, angústia, ansiedade.

Mas com a ajuda do professor Alexandre, com os encontros que tivemos e nossas conversas, as questões foram se tornando um pouco mais claras. Porém, só consegui desenvolver a escrita, de fato, quando entendi os processos metodológicos, foram esses processos que me guiaram e me orientaram.

Também busquei em meus repertórios tudo que se aproximasse do meu tema: artigos, sínteses, livros, eventos, seminários, TCCs vistos, aulas, cursos, falas das professoras, enfim, meus conhecimentos para poder dar base a minha escrita, além do levantamento bibliográfico que realizei e as novas leituras que fiz até agora.

Foram muitas tardes de choro, cansaço, dores nas costas, aflições, demora, descobertas, conhecimentos, aprendizados, tudo emaranhado em mim; e eu só pensava: meu Deus, que difícil, nunca tem fim.

As minhas dúvidas antes do curso sobre as práticas educativas na Educação Infantil eram muitas. No final do curso já compreendia muitas coisas, mas o que mais me intrigava era: Eu tenho que planejar todos os momentos? Sim, pois todos

os momentos devem envolver o cuidar e educar, mas não de uma forma reducionista, fragmentada, mecânica, compartimentada, pois os momentos de banho, troca, alimentação e sono são de prática educativa na Educação Infantil e devem ter um cuidado que vise à educação. Criar vínculos afetivos, proporcionar ambientes agradáveis e prazerosos que permitam que a criança fique só se assim desejar, que descanse se necessitar, que escolha o que lhe interessar, que tenha a possibilidade de experiências de modos diferenciados que levem em conta as questões históricas e sociais nas propostas que a ela são oferecidas, que aprenda a desenvolver um cuidado de si e seja respeitada.

A visão de que ser professora de bebês é só cuidar é totalmente errônea, pois sabemos que a Educação Infantil constitui as especificidades do cuidar e educar e elas são indissociáveis. Portanto, nós professores devemos ter e se fazer presença atenta, se fazer disponível e ter as crianças como nossa prioridade.

Há muito a ser feito para termos uma educação de qualidade, mas se começarmos por nós mesmos e entendermos as crianças como ponto de partida para as nossas práticas educativas, como um ser completo que é, um sujeito de direitos, um sujeito integral, devendo todas as suas dimensões serem levadas em conta, já teremos aí uma pequena mudança, mas que fará muita diferença. Esta pesquisa buscou mostrar que as crianças são ferramentas importantes e que o cuidar e o educar se entrelaçam e se nutrem simultaneamente.

Hoje, graças a Deus, a minha infinita garra de lutar pelo que eu sempre quis, às vezes acima de outras tantas coisas tão importantes na minha vida, fez com que eu chegasse até este momento. Um sonho que agora está prestes a se realizar e do qual muitos fizeram parte: amigos, professores, familiares, colegas.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Kátia. O estágio na Educação Infantil no curso de Pedagogia: nova configuração, novos desafios e outros nem tão novos assim. *Zero-a-Seis*, Florianópolis: CED/NUPEIN, v. 18, n. 33, p. 50-64, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/40610>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 maio 2017.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 maio 2017.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. *Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil: Conhecimento do Mundo*. Brasília, 1998. v. 3.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Resolução CNE/CBE n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.
- CALDEIRA, Laura Bianca. O conceito de infância no decorrer da história. *Paraná*, Governo do Estado, 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf>. Acesso em: 28 maio 2017.
- CASTELLI, Carolina Machado; DELGADO, Ana Cristina Coll. *Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidado e conflitos na Educação Infantil*. 2015.
- CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a Educação Infantil? *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, n. especial, p. 11-21, ju.\dez. 1999.
- _____. et al. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na Educação Infantil. *Zero-a-Seis*, Florianópolis: CED/NUPEIN, v. 5, p. 1-13, 2002. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~zerosais/5completo2.html#INICIO>>. Acesso em: 11 maio 2017.
- COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. *Educação Infantil: espaço de educação e cuidado*. 2002.
- FLORIANÓPOLIS. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. *Estratégias das ações pedagógicas*. Florianópolis: Prelo Gráfica e Editora Ltda., 2012. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26_12_2012_10.15.02.2b522604cef fbdac794799abc0767711.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. A ética do cuidado de si como prática de liberdade (1984). In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. V.

_____. *No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês*. 2008.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de; DIAS, Adelaide Alves. *O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na Educação Infantil*. 2006.

MACHADO, Nilson José. *Educação: autoridade, competência e qualidade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2016.

MARANHÃO, Damaris Gomes. O cuidado como elo entre saúde e educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. III, p. 115-133, dez. 2000.

MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Universitat de Barcelona, 2015. Disponível em: <http://www.ub.edu/sentipensar/pdf/candida/paradigma_emergente.pdf>. Acesso em: 28 maio 2017.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. In: BRASIL. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: FNDE/Estação Gráfica, 2006.

NASCIMENTO, Elisabet Ristow; SANTOS, Ademir Valdir dos. *Cuidado ou educação? A prática educativa nas creches comunitárias de Curitiba*. 2010.

PRESTES, Nadja Mara Hermann. *Educação e racionalidade: conexões e possibilidade de uma razão comunicativa na escola*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 1996.

PRIBERAM. *Dicionário*. 2017. Disponível em: <<https://www.priberam.pt>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICHTER, Ana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. *Educação do corpo infantil como politização às avessas: um estudo sobre os momentos de alimentação em uma creche*. 2007.

ROCHA, Eloísa A. C.; OSTETTO, Luciana Esmeralda. O estágio na formação universitária de professores de Educação Infantil. In: SEARA, Izabel Christine et al. (Org.). *Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008.

RONDON, Maria de Lourdes Moraes; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. O tempo dos bebês na rotina da creche. In: FELIPE, Jane; ALBUQUERQUE, Simone Santos

de; CORSO, Luciana Vellinho (Org.). *Para pensar a Educação Infantil: políticas, narrativas e cotidiano*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.

SECCHI, Leusa de Melo; ALMEIDA, Ordália Alves. *Um tempo vivido, uma prática exercida, uma história construída: o sentido do cuidar e do educar*. 2007.

VIGOTSKI, Lev. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**APÊNDICE – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DA ANPEd NACIONAL
DO GT07 SOBRE O CUIDAR E EDUCAR NO PERÍODO DE 2000 A 2015**

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
2002	Educação Infantil: espaço de educação e cuidado	Ângela Maria Scalabrin Coutinho – UFSC	Ao desenvolver o estudo, que tinha como preocupação primeira conhecer as crianças e as suas culturas numa creche pública municipal de Florianópolis nos momentos de educação e cuidado mais voltados para o corpo, ficou evidente a necessidade de compreender a relação entre o educar e cuidar considerando o ponto de vista dos dois principais atores envolvidos nela – as crianças e as profissionais. As "vozes" das crianças foram coletadas mediante observações participantes, com registros escritos, em vídeo e fotografias. Já as profissionais deram seus testemunhos através de entrevistas.	http://25reuniao.anped.org.br/angelascalabrinacoutinhof07.g.rtf
	Cuidar de crianças em creches: os conflitos e os desafios de uma profissão em construção	Beatriz Belluzzo Brando Cunha – UNESP-Assis Coautora: Luciana Fátima de Carvalho – UNESP-Assis	As práticas desenvolvidas entre adultos e crianças de zero a três anos, no contexto das creches, são relações humanas permeadas por múltiplas influências. Dentre elas, podemos destacar diversos aspectos interligados, tais como os princípios e valores constituídos em uma/esfera cultural, no interior das famílias e das comunidades locais; os movimentos sociais que fortaleceram esta instituição como um local de referência para mulheres trabalhadoras e seus filhos; e, ainda, as contribuições de estudiosos e pesquisadores, que definem tendências teóricas que irão contribuir para a construção dos modelos educacionais adotados. Como decorrência desta determinação diversa, definem-se – ao longo da história, ou mesmo	http://25reuniao.anped.org.beatrizbrandocunhat07.rtf

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
			<p>concomitantemente – diferentes funções para as creches no contexto da sociedade brasileira: como recurso que beneficia a mãe trabalhadora, ou como instrumento social para prevenir o fracasso escolar das crianças mais pobres, ou ainda como uma instância educativa, que contribuiria para uma sociedade mais justa e um exercício de cidadania em prol da população infantil.</p>	
	<p>As professoras de crianças pequenininhas e o cuidar e educar</p>	<p>Maria José Figueiredo Ávila – FE-UNICAMP</p>	<p>Esta pesquisa é um Estudo de Caso sobre as atividades profissionais de cuidado e educação realizadas pelas professoras de crianças pequenininhas num Centro Municipal de Educação Infantil – CEMEI, da cidade de Campinas. Esta investigação mostrou o surgimento da profissão docente vinculando-a às questões do gênero feminino, na medida em que ser mãe (ou não), mulher e professora condiciona esta forma de atuação profissional e sua relação com a Pedagogia da Educação Infantil.</p>	<p>http://25reuniao.anped.org.br/mariajoseaviat07.rtf.</p>
	<p>Pequenas relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças</p>	<p>Deborah Thomé Sayão – UFSC</p>	<p>Este texto é síntese de uma pesquisa em desenvolvimento que diz respeito às relações de gênero, cuidado e educação no âmbito da formação de professoras e do trabalho docente na educação das crianças de zero a seis anos. A ideia de investigar os aspectos relacionais da atividade docente tem como base os estudos de Joan Scott (1995) que contribuem para elucidar que, quando se reflete em relação aos papéis femininos na sociedade, não se está colocando em oposição homens e mulheres, mas sim aprofundando a necessidade de desconstruir a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, indo na direção de uma igualdade política e social, o que inclui não somente o sexo,</p>	<p>http://25reuniao.anped.org/posteres/deborahthomesayaop07.br/.rtf</p>

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
2003	Creches domiciliares como espaço de Educação Infantil	Karla Lucia Bento – FURB Stela Maria Meneghel – FURB	<p>mas também a classe e a raça. Utilizo-me, assim, do argumento desta autora para aprofundar o papel masculino no contexto de uma carreira eminentemente feminina – o magistério na educação de zero a seis anos. A pesquisa em curso tem como foco o trabalho docente masculino em creches e pré-escolas no município de Florianópolis/SC. A partir desta investigação será possível compreender as interações que professores homens estabelecem com os meninos e as meninas, com as famílias destes/as e com as demais profissionais – mulheres – em suas práticas cotidianas.</p> <p>A Educação Infantil (EI) em Creches Domiciliares (CDs) é uma modalidade presente em diversos países e, conforme Rosemberg (1986), refere-se ao atendimento onde uma mulher cuida, em sua própria casa, mediante pagamento, de crianças enquanto os pais trabalham. Não se trata de um atendimento formal, institucionalizado, mas que ocorre fora do espaço escolar. De uma perspectiva de política de EI que respeite a diversidade sociocultural, podemos incluir alternativas que estabeleçam projetos variados e possibilidades diferentes para EI, como CDs. No Brasil, as CDs surgiram, oficialmente, no final da década de 70, com caráter provisório, como uma política compensatória e emergencial para crianças em situação socioeconômica precária que não encontravam vagas na rede oficial. Dada a característica da população que a frequenta, não perderam o caráter assistencialista mesmo que, em alguns</p>	http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/karlaluciabento.rtf

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
2005	O binômio cuidar e educar na Educação Infantil e a formação inicial de seus profissionais	<p>Helôisa Helena Oliveira de Azevedo – UNIMEP/PPGE-SP</p> <p>Roseli Pacheco Schnetzler – UNIMEP/PPGE-SP</p>	<p>casos, façam parte do Sistema Municipal de Educação. Diante disso, várias são as vozes (de estudiosos, fóruns e políticos defensores de EI) que se levantam contra as CDs, criticando pontos vulneráveis como a exploração do trabalho, a falta de formação profissional da crecheira e o espaço físico precário.</p> <p>Este trabalho investiga o binômio cuidar-educar e suas implicações na formação inicial de profissionais de Educação Infantil (EI). Compreender como este binômio vem sendo abordado nesta formação e identificar perspectivas de superação da separação cuidar-educar são as pretensões deste estudo, pois, dependendo de como formadores de profissionais de EI tratam esse binômio, podem reforçar, ou não, tal separação nas ideias e práticas dos futuros professores.</p>	<p>http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt07/gt071011int.doc</p>
	Sobre a presença de uma pedagogia do corpo na educação da infância	Ana Cristina Richter – UFSC	<p>Nesse espaço-tempo de relações, os temas da infância, do corpo e da educação se colocam inter cruzados e, na busca por captar tensões presentes nesse mosaico paradoxal, procuramos descrever, analisar e compreender algumas práticas corporais e presentes nos momentos da rotina. Entendemos que o corpo é vetor de construção de identidades (VAZ, 2002), e as práticas corporais presentes nos diferentes espaços sociais são educativas, “[...] ou seja, forjam e conformam comportamentos e subjetividades” (BRACHT, 2003, p. 21). Deste modo, ao tratarmos da educação da infância, consideramos que concepções e práticas corporais presentes em outros espaços atingem os ambientes educacionais e seus</p>	<p>http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt07/gt07411int.trf</p>

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
			atores, que “[...] absorvem, interpretam e trabalham essas concepções e práticas presentes em outras esferas” (VAZ, 2002, p. 91).	
	Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas	Lea Tiriba – PUC-Rio	De início, faço considerações a partir da origem etimológica das palavras “educar” e “cuidar”. A seguir, abordo o tema das relações históricas entre as mulheres, as emoções e as atividades de cuidar. Trabalhando com base em estudos de gênero, enfoco o papel da medicina do século XIX como prescritiva desta afinidade, assim como suas implicações nas práticas de magistério. Análise, então, a importância do cuidado na sociedade moderna e as exigências do cuidar. Ao final, apresento reflexões e propostas em torno da necessidade de ruptura das cisões características da sociedade ocidental e também da necessidade de rearticulação de relações entre corpo e mente, entre razão e emoção, entre ser humano e natureza.	http://28reuniao.anped.org.br/textos/gt07/gt07939int.rtf
2006	O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na Educação Infantil	Lenilda Cordeiro Macêdo Adelaide Alves Dias	No Brasil, essa temática ganha força a partir da promulgação da Constituição (1988) e da aprovação da LDB/96, que garantem o atendimento à criança pequena em creches e pré-escolas. Nestes textos legislativos, a primeira infância é referenciada como um tempo de cuidado e de educação. Isto significa que tal compreensão deve orientar as práticas da Educação Infantil, caracterizadas como ações de cuidar e educar de forma integrada da criança pequena. Em face destes novos contornos conceituais, a pesquisa aqui desenvolvida buscou responder a seguinte	http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT07-1824--Int.pdf

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
2007	Um tempo vivido, uma prática exercida, uma história construída: o sentido do cuidar e do educar	Leusa de Melo Secchi – UFMS Ordália Alves Almeida – UFMS	<p>questão: como as professoras 1 que atuam com crianças de 0 a 2 anos compreendem a relação cuidar/educar?</p> <p>Objetivamos com esta pesquisa realizada no Programa e Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação – compreender como estão constituídas as funções de cuidar e educar na Educação Infantil e qual significado essas funções têm assumido na prática pedagógica do professor de Educação Infantil I. Para isso, foram observadas instituições públicas municipais de Educação Infantil, onde foram coletados dados que possibilitaram estabelecer relações com a teoria estudada. Com este propósito, além da revisão de literatura, as observações da prática pedagógica e conversas com as professoras foram determinantes na percepção, conhecimento e análise das concepções, ações, atividades e atitudes reveladas no desenvolvimento do trabalho com crianças de 5 a 6 anos.</p>	http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT07-3333--Int.pdf
	Educação do corpo infantil como politização às avessas: um estudo sobre os momentos de alimentação em uma creche	Ana Cristina Richter – UFSC Alexandre Fernandez Vaz – PPGE/UFSC/CNPq	<p>Considerando o quadro acima e que as práticas corporais contribuem fortemente na (con)formação de comportamentos e subjetividades, realizamos uma pesquisa de abordagem etnográfica em uma creche da Rede Pública Municipal de Ensino de uma cidade da região Sul do Brasil – composta por trinta e oito profissionais que atendem cento e oitenta crianças entre 0 e 6 anos de idade –, cujo objetivo foi traçar um inventário dos momentos e espaços da educação do corpo. Por meio de análise documental, entrevistas e um longo período de observações de campo, tratamos dos dispositivos</p>	http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT07-3365--Int.pdf

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
2008	No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês	Daniela de Oliveira Guimarães* – PUC-Rio	pedagógicos que transpassam o corpo, observando o modo como operam e se organizam no interior da instituição, considerando os momentos (sugeridos pelos Referenciais Nacionais para Educação Infantil) que compõem, como apontamos acima, a Rotina institucional: Entrada, Saída, Alimentação, Sono, Atividade Orientada, Higiene, Parque e, no caso da creche em questão, os momentos de Educação Física	http://31reuniao.anped.org.br/1tra_balho/GT07-4807-Int.pdf
	Concepções de corpo, infância e educação na produção científica brasileira (1997-2003)	Márcia Buss Simão* – UFSC	A pesquisa de campo, realizada em um berçário de uma creche pública, evidencia situações onde a disciplina e a instrução marcam as relações dos adultos com as crianças, e outros momentos onde, ao examinarem suas ações e emoções, os adultos abrem espaço para que as crianças sejam vistas de uma outra maneira, potentes, ativas, inventivas. A própria pesquisa, ao acompanhar a trajetória dos bebês, através de registros escritos e fotográficos, mostra como constituem sentidos no olhar, na imitação, oferta de objetos, e outras diferentes formas de contato e troca com adultos e outras crianças. O presente artigo originou-se de uma pesquisa de mestrado que esteve articulada a estudos desenvolvidos por um grupo de pesquisa bem como a um projeto de pesquisa mais amplo: 1. teve como objetivo identificar e analisar as concepções de corpo, criança e educação, presentes em pesquisas realizadas no âmbito dos estudos da infância, produzidas pelos saberes científicos no Brasil entre os anos de	http://31reuniao.anped.org.br/ http://31reuniao.anped.org.br/4310--Int.pdf

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
2010	A prática educativa nas creches comunitárias de Curitiba	Elisabet Ristow Nascimento – UTP Ademir Valdir dos Santos – UTP	<p>1997 a 2003. A delimitação do problema se concentrou em identificar as concepções de corpo, criança e educação dos autores das dissertações presentes em pesquisas realizadas no âmbito dos estudos da infância nas produções científicas, de diferentes áreas de conhecimento;</p> <p>2. cadastradas no banco de dados da CAPES;</p> <p>3. visando contribuir para a consolidação de uma Pedagogia da Infância.</p> <p>O trabalho discute a prática educativa em creches de Curitiba, os Centros de Educação Infantil (CEI) – Conveniados à Secretaria de Educação. Aplicaram-se 383 questionários aos educadores. Coletaram-se dados do seu perfil, da formação inicial e em serviço. Propôs-se a questão norteadora: O que você mais gosta de fazer quando está com as crianças? As falas foram analisadas conforme a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Quanto ao perfil dos educadores: 98,4% do sexo feminino; 69,9% com idade entre 20 e 40 anos; 44,4% atua há menos de 2 anos e 26,6% há mais de 6. Quanto à escolarização, 44% tem Magistério e 14% Pedagogia. Sobre a formação em serviço citaram os cursos Sinais de Alerta, Musicalização, Contação de Histórias, Sucata, entre outros. A análise da prática educativa permitiu construir sete categorias: brincar, contar histórias, cantar, cuidar, atividades pedagógicas, conversar e dançar. Revelam-se a necessidade de investir na formação e práticas educativas que reafirmam a indissociabilidade entre educação e cuidado.</p>	http://33reuniao.anped.org.br/33econcontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT07-6838--Res.pdf

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
	A vida do bebê: a constituição de infâncias saudáveis e normais nos manuais de puericultura brasileiros	Cláudia Amaral dos Santos – UFRGS	Esse trabalho tem por objetivo investigar como o livro “A Vida do Bebê”, o maior e mais conhecido manual de puericultura do Brasil, escrito pelo pediatra brasileiro Rinaldo De Lamare, promove/promoveu biopolíticas dirigidas às mães para a constituição de infâncias saudáveis e normais. Ressalto o quanto o manual analisado desempenhou/desempenha uma função pedagógica, ensinando mães e pais a como agir com suas/seus filhas/filhos, como devem alimentá-los, que ambientes e brinquedos lhes devem proporcionar, assim produzindo subjetividades, identidades e saberes. Para a realização da análise, foram utilizados, como referencial teórico, os Estudos Culturais, a partir de um olhar pós-estruturalista, e os estudos de Michel Foucault. Como material de análise foram utilizadas duas edições do manual, a saber, a 17ª edição (de 1963) e a 41ª edição (de 2002). A partir da análise verificou-se a força do discurso da psicologia como forma de subjetivar as mães e a visão evolutiva do desenvolvimento da criança normal na publicação ora objeto de estudo.	http://33reuniao.anped.org.br/33e_ncontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT07-6052--Res.pdf
2015	Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidados e conflitos na Educação Infantil	Carolina Machado Castelli – UFPel Ana Cristina Coll Delgado – UFPel	O texto discute parte dos resultados de uma pesquisa sobre as relações entre bebês e crianças mais velhas em uma escola infantil. O foco, aqui, é dado às relações de cuidado, preocupação e carinho e às resoluções de conflitos. Buscamos inspiração nos preceitos e instrumentos da etnografia com crianças (GRAUE; WALSH, 2003) e nos Estudos da Criança, em especial pelas contribuições da Sociologia da Infância, da Antropologia da Criança, da Psicologia Cultural e da	http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-3704.pdf

ANO	TÍTULO	AUTOR	RESUMO	LINK
			<p>História da Infância. A partir de Gonzaga e Arruda (1998), pensamos o cuidado na Educação Infantil como dotado de três significados conectados: o profissional, o materno-paterno e o amigo. Presenciamos diferentes relações de cuidado amigo, analisadas com o respaldo de Montagu (1988) e Boff (1999). Os dados provocam-nos, mostrando que as crianças são capazes de cuidar umas das outras e que os conflitos que surgem entre elas são parte das suas culturas de pares (CORSARO, 2011). A pesquisa ajuda a tensionar a ideia de separação das crianças por faixas etárias e aposta que elas (incluindo os bebês), quando têm oportunidade, são capazes de se relacionar com diferentes (sub)gerações.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.